



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
EGAS MONIZ**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL**

**STALKING COMO FORMA DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE  
NAMORO**

Trabalho submetido por  
**Joana Patrícia Martins Ferreira**  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

**outubro de 2013**



# **INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE EGAS MONIZ**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE E CRIMINAL**

**STALKING COMO FORMA DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE  
NAMORO**

Trabalho submetido por  
**Joana Patrícia Martins Ferreira**  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e Criminal

Trabalho orientado por  
**Doutora Cristina Soeiro**

**outubro de 2013**



## **Dedicatória**

Dedico este trabalho às pessoas importantes da minha vida, em especial aos meus pais.

A todos os adolescentes e jovens vítimas de stalking no âmbito das suas relações de  
namoro.

## **Agradecimentos**

A realização desta dissertação de mestrado contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não se teria tornado uma realidade e aos quais estarei eternamente grata. É inevitável prestar o meu agradecimento a todas essas pessoas que tão importantes foram, direta ou indiretamente, no decorrer desta investigação.

À Professora Doutora Cristina Soeiro, enquanto coordenadora de curso, pela determinação, motivação, energia, empenho e rigor na coordenação do Mestrado em Psicologia Forense e Criminal. Acima de tudo, e enquanto orientadora da dissertação, pelo apoio, opiniões e críticas, paciência, disponibilidade, partilha de saber, pelas valiosas contribuições para o trabalho e pela total colaboração no solucionar de dúvidas e problemas que foram surgindo ao longo desta investigação.

A todos os docentes do curso de Licenciatura e Mestrado em Psicologia Forense e Criminal pela transmissão de conhecimento, por estimularem o meu interesse pelo conhecimento e por proporcionarem a todos os alunos destes cursos uma formação de excelência.

Aos meus colegas de mestrado, especialmente a colegas de Seminário de Dissertação pela amizade, companheirismo, partilha de opiniões e de conhecimento, apoio, incentivo e paciência. À Andreia Neves e Rita Castela agradeço pelos gestos de motivação e incentivo, pela partilha e pela companhia nas horas de trabalho solitário por que cada investigador tem de passar, horas essas muitas vezes intensas, mas repletas de boa disposição.

Aos meus familiares por serem o meu suporte e uns exemplos para mim, pelo apoio incondicional e paciência. Aos meus pais pela dedicação e esforço para que eu pudesse chegar até aqui. À minha irmã e ao meu cunhado por estarem presentes no momento certo. À minha afilhada por simplesmente existir e por fazer parte da mim.

Aos meus amigos por estarem sempre disponíveis, pelos momentos de boa disposição, por me fazerem esquecer dos problemas e me ajudarem a solucionar-los, pelo apoio e pelo ombro amigo.

Ao Luís por me agarrar sempre a mão, pelo apoio e incentivo nos momentos mais difíceis, por acreditar sempre em mim, por festejar comigo as minhas vitórias e por, simplesmente, de me dar o privilégio de olhar para ele todos os dias.

A todos o meu profundo agradecimento. Obrigada por fazerem parte da minha vida académica, profissional e pessoal!

## Resumo

Em Portugal o estudo do stalking é ainda diminuto e, a par disto, tende a ser generalizado pois pretende obter uma visão mais alargada do fenómeno. Por esse motivo o estudo desta forma de vitimação no âmbito das relações de namoro sofre ainda de uma carência.

No âmbito das relações de namoro o *stalking* é um padrão de comportamentos de assédio persistentes, repetidos e indesejados, que visam a comunicação, contacto, vigilância e monitorização de uma pessoa alvo por parte de um/a stalker (alguém que pretende iniciar uma relação de namoro ou um namoro/ ex-namorado), podendo causar algum tipo de impacto e dano na vítima.

O presente estudo tem como objetivo principal estudar o stalking como forma de violência nas relações de namoro em adolescentes e jovens residentes em Portugal. Isto é, avaliar e analisar a vitimação por stalking no âmbito das relações de namoro, tendo como principais objetivos desocultar o fenómeno e caracterizá-lo. Assim, tem em conta a análise da prevalência, do perfil da vítima e do stalker, da coocorrência com outros tipos de violência, das dinâmicas de vitimação (comportamentos, frequência e duração), do impacto na vítima, bem como do medo percebido e identificar os tipos de apoio ativados pelas vítimas e respetiva utilidade. Para tal, foram utilizados o Inventário de Vitimação por Stalking (IVS - Matos, Grangeia, Ferreira & Azevedo, 2009) e o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (Saavedra, Machado, Martins & Vieira, 2010) numa amostra de 541 adolescentes e jovens, dos quais 69.9% do sexo feminino e 30.1% do sexo masculino, com uma média de idades de 23.15 anos (DP= 3.658), que já tivessem experienciado uma relação de namoro.

Os resultados permitiram confirmar as hipóteses reformuladas, sendo que as principais se prendem com: elevada prevalência de stalking nas relações de namoro; o stalking ocorre muitas vezes em coocorrência com outros tipos de violência; maioritariamente como forma de tentativa de reatar uma relação ou como forma de vingança ou retaliação; os comportamentos considerados não intrusivos ou socialmente aceites são os mais comuns, os quais tendem a perpetrar-se com uma frequência, persistência e duração elevada; os comportamentos tendem a provocar medo apenas em algumas vítimas, contudo mostram ter muito impacto; as vítimas tendem, na sua maioria, a não procurar apoio, mas as que procuram consideram-no frequentemente útil.

*Palavras-Chave:* Violência no Namoro, Stalking, Vitimação, Adolescentes e Jovens

## **Abstract**

In Portugal there are very few studies on stalking behavior and those that address this subject tend to be very generalized in order to provide global overview of the phenomena. In this sense there is a gap in literature and scientific reports about stalking in relationships.

In terms of dating relationships, stalking is characterized by a pattern of behaviors of persistent harassment. It can be a repetitive and unwanted attempt to establish contact, to monitor or to keep under surveillance of a person by a stalker (someone who wants to start a relationship or dating a ex-boyfriend/girlfriend) that may cause some type of damage or impact on the victim.

The aim of the present study is to study the stalking as a form of violence in dating relationships in adolescents living in Portugal. That is, evaluating and reviewing the victimization by stalking in the context of dating relationships, having as main objective to unveil the phenomenon and characterized false it. Thus, the analysis takes into account the prevalence profile of the victim and the stalker, the co-occurrence with other types of violence, the dynamics of victimization (behaviors, frequency and duration of behaviors), the impact on the victim, as well as fear perceived and also identify the types of support enabled the victims and respective utility. For this, we used the Inventário de Vitimação por Stalking (IVS - Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2009) and the Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (Saavedra, Machado, Martins, & Vieira, 2010) on a sample of 541 adolescents and young people, of which 69.9% were female and 30.1 % male, with an age average of 23.15 years ( $SD= 3.658$ ), the long life had already experienced a dating relationship.

The results allow to confirm the hypothesis formulated such as: the higher prevalence of stalking in dating relationships; the stalking occurs often associated with other types of violence, mostly as a way of trying to resume a relationship or as a form of revenge or retaliation; behaviors considered socially acceptable of not intrusive, which tend to commit yourself to a frequency, persistence and high duration; behaviors tend to strike fear in a small number of victims, but shows to have much impact; victims tend (mostly) not to seek support, but the ones who look for it, often tend to consider it useful.

*Keywords:* Dating Violence, Stalking, Victimization, Adolescents and Youth

## Índice

Introdução.....	9
Violência no Namoro.....	10
Tipos de Violência no Namoro .....	12
Prevalência da Violência no Namoro .....	13
Consequências da Violência no Namoro .....	14
Stalking.....	14
Conceito de Stalking .....	16
Prevalência.....	18
Stalking nas Relações de Namoro .....	18
Stalker e a Relação com a Vítima .....	20
Vítima .....	22
Comportamentos de Stalking.....	25
Impacto, Medo e Consequências .....	27
Procura de Apoio e Utilidade.....	29
Objetivos/ Hipóteses.....	30
Método.....	32
Participantes.....	32
Amostra total – total dos participantes .....	32
Amostra parcial – participantes autodefinidos vítimas .....	33
Instrumentos.....	34
Questionário Sociodemográfico.....	35
Inventário de Vitimação por Stalking - IVS.....	35
Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes.....	37
Procedimento .....	39
Resultados.....	40
Prevalência de Vitimação .....	40
Prevalência da vitimação por stalking.....	41
Prevalência do stalking consoante os critérios .....	41
Prevalência de vitimação dos vários tipos de abuso .....	43
Dinâmicas e Cenários do Stalking .....	45
Ocorrências da vitimação por stalking - experiência singular ou múltipla .....	45
Sexo do stalker .....	46

Momento da ocorrência do stalking na relação de namoro - cenários de ocorrência.....	46
Forma de manifestar o interesse – comportamentos .....	47
Duração da vitimação por stalking.....	54
Impacto da Vitimação por Stalking .....	56
Áreas afetadas .....	56
Grau de medo gerado pelas experiências de stalking.....	58
Resposta à Vitimação.....	61
Procura de apoio pelas vítimas.....	61
Utilidade das fontes de apoio ativadas pela vítima .....	65
Discussão .....	67
Conclusão .....	74
Referências .....	76
Anexos.....	II
Anexo A - Instruções de Preenchimento dos Questionários.....	II
Anexo B - Questionário Sociodemográfico .....	III
Anexo C - Inventário de Vitimação por Stalking (IVS) – versão adaptada.....	IV
Anexo D - Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes – versão adaptada.....	VIII
Anexo E – Escala de Comportamentos do Outro em Função do Sexo do/a Stalker ..	XI

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Instrumentos utilizados e objetivos .....	34
Tabela 2: Secções e variáveis analisadas no IVS – versão adaptada.....	36
Tabela 3: Prevalência da vitimação por stalking .....	41
Tabela 4: Prevalência da vitimação por stalking em função de diferentes critérios.....	42
Tabela 5: Número de critérios preenchidos pelos participantes autodefinidos como vítimas .....	43
Tabela 6: Tipos de violência – Escala de Comportamentos do Outro e do Próprio.....	44
Tabela 7: Escala de Comportamentos do Próprio em função do sexo do participante ..	44
Tabela 8: Número de stalkers por vítima.....	45
Tabela 9: Momento da relação de namoro de ocorrência do stalking .....	47
Tabela 10: Comportamentos de vitimação por stalking e em função do sexo da vítima e do/a stalker.....	48
Tabela 11: Comportamentos de vitimação em função do momento de ocorrência na relação de namoro.....	50
Tabela 12: Frequência dos comportamentos de stalking em função do sexo do participante .....	52
Tabela 13: Frequência dos comportamentos de stalking .....	52
Tabela 14: Duração do stalking .....	54
Tabela 15: Duração dos comportamentos de stalking .....	55
Tabela 16: Impacto da vitimação por stalking nas diferentes áreas da vida.....	57
Tabela 17: Grau de medo gerado pelas experiências de stalking .....	59
Tabela 18: Grau de medo em função dos comportamentos de stalking .....	60
Tabela 19: Pedido de ajuda pelas vítimas de stalking .....	62
Tabela 20: Número de fontes ativadas pelas vítimas .....	62
Tabela 21: Fontes de apoio ativadas pelas vítimas.....	63
Tabela 22: Medo da experiência em função do pedido de ajuda.....	64
Tabela 23: Frequência dos comportamentos em função do pedido de ajuda .....	64
Tabela 24: Duração dos comportamentos em função do pedido de ajuda .....	65
Tabela 25: Utilidade das fontes de apoio.....	66

## Introdução

Atualmente, a disciplina da Vitimologia continua promissora e enfrenta agora outros desafios. Entre estes incluem-se o estudo de fenómenos de vitimação mais recentemente conceptualizados, como é o caso da vitimação em contextos de namoro. Este tipo de vitimação (a violência no âmbito das relações de namoro) tem suscitado o interesse da comunidade científica e de outros públicos, assumindo progressivamente um lugar de destaque no discurso científico, político, jurídico, nos meios literários e nos *mass media*. A nível nacional, a década de 90 do século XX pautou-se pelo interesse científico pela investigação da violência entre jovens, tendo a violência inserida nas relações de namoro vindo adquirir mais destaque (Coelho & Machado, 2010).

Apesar do crescente interesse e da progressiva visibilidade, os estudos são ainda diminutos, pois estes estudos voltados para a violência no namoro parecem sofrer, ainda, uma carência e uma marginalização em detrimento dos estudos que enfocam as relações conjugais. Isto é, a violência nas relações de namoro permanece ainda um pouco marginalizada nos discursos sociais e educativos e, em comparação com a violência marital, a vitimação de adolescentes e jovens na intimidade tem merecido menor atenção por parte da comunidade científica (Matos, Machado, Caridade, & Silva, 2006).

Assim, também a caracterização e a avaliação dos comportamentos de stalking no âmbito destas relações têm sido objeto de poucas investigações, pois a maioria dos estudos que se centram nos comportamentos de stalking tomaram em consideração uma visão mais alargada em termos da relação entre o agressor e a vítima e não se focaram especificamente nos parceiros amorosos (Hall, Walters, & Basile, 2012).

Embora em alguns países ocidentais, sobretudo anglo-saxónicos, tais como Estados Unidos e Canadá, o reconhecimento social, legal e científico do stalking, embora recente, seja já uma realidade, em Portugal a investigação e a intervenção do fenómeno estão a dar os primeiros passos.

Esta forma de vitimação parece especialmente preocupante uma vez que pode afetar qualquer pessoa, independentemente do sexo, orientação sexual, etnia, faixa etária ou classe social, apesar dos jovens adultos serem referenciados como mais vulneráveis.

O presente trabalho pretende, deste modo, estudar o stalking como forma de violência nas relações de namoro em adolescentes e jovens adultos residentes em Portugal, isto é, avaliar e analisar a vitimação por stalking no âmbito das relações de namoro, tendo como principais objetivos desocultar o fenómeno e caracterizá-lo. Assim,

tem em conta a análise da prevalência, do perfil da vítima e do stalker, das dinâmicas de vitimação (comportamentos, frequência e duração dos comportamentos), do impacto na vítima, bem como o medo percebido e, também, identificar os tipos de apoio ativados pelas vítimas e respetiva utilidade.

O estudo apresenta-se como uma mais-valia para o reconhecimento do stalking em Portugal, bem como para a partilha do conhecimento científico acerca de uma temática cuja investigação é ainda diminuta. Mas, antes de chegar ao objetivo pretendido é essencial esclarecer e caracterizar a violência no namoro identificando o stalking como um tipo específico de violência, esclarecendo também o conceito deste e identificando os vários tipos de comportamentos que abrange, possibilitando a fundamentação deste tema.

Este trabalho é constituído por três capítulos. Inicialmente procede-se a um breve enquadramento conceptual, revisitando estudos de referência no âmbito da violência no namoro e apresentando os principais desenvolvimentos no que concerne ao stalking no contexto internacional e nacional e onde são reportados os objetivos do estudo. Seguidamente clarificam-se os principais aspetos metodológicos envolvidos na concretização do trabalho, nomeadamente no que concerne à amostra, aos instrumentos, ao processo de recolha de dados e à análise dos mesmos. Posteriormente, são apresentados os resultados organizados em várias secções correspondentes aos objetivos. Partindo dos resultados, discutem-se as semelhanças e dissemelhanças com outros estudos internacionais e nacionais sobre a vitimação por stalking e com estudos acerca da violência no namoro. Na conclusão tecem-se alguns comentários e reflexões acerca das implicações deste estudo.

## **Violência no Namoro**

O namoro é definido como uma relação diádica que envolve encontro para uma interação social, em atividades conjuntas e com intenção implícita ou explícita para continuar o relacionamento, até o momento que uma ou outra parte decida rompê-la, ou que um relacionamento mais próximo seja estabelecido, tal como: viver em união de facto ou casamento (Aldrighi, 2004).

Por vezes, estas relações estão minadas de violência, fenómeno que não é recente. No entanto, este tipo de violência só se constituiu como um problema social específico em meados do século passado. Desde então, a violência no contexto das relações íntimas tem sido objeto de forte e crescente atenção social e científica ao nível internacional. Também em Portugal, sobretudo a partir do início da década de 90, se começa a verificar uma maior consciencialização sobre a gravidade e dimensão do problema da violência na intimidade (Caridade & Machado, 2010).

Violência nas relações de namoro pode definir-se como o recurso a comportamentos que visam assumir o poder na relação, magoar e/ou controlar o/a parceiro/a, podendo tomar a forma de violência física (e.g. bater, empurrar), psicológica (e.g. insultar, humilhar), sexual (e.g. beijar contra a vontade do outro, forçar práticas sexuais) ou stalking (e.g. perseguir, vigiar contactos) (Coelho & Machado, 2010). Considera-se, portanto, que está presente a violência no namoro quando, numa relação amorosa, um exerce poder e controlo sobre o outro com o objetivo de obter o que deseja.

Deste modo, quando está presente a violência neste tipo de relação, pode dizer-se que esta é não saudável, pois encontra-se marcada pelo abuso e violência que pode ser perpetrada de diversas formas e que pode ser ou não visível aos outros ou perceptível ao próprio. Aliados a estas relações surge o medo, a vergonha e a culpa por parte da vítima. Nestas relações o parceiro é física, sexual e verbalmente agressivo com o outro, não dá autonomia ao outro, controla tudo o que o outro faz, humilha-o perante os outros, culpa o parceiro/a pelos seus atos, não permite o fim da relação, pressiona-o, impõe-se na relação sexual e tenta compensar os comportamentos violentos.

Por outro lado, uma relação saudável é sinónimo de comunicação, respeito, confiança, honestidade, igualdade, respeito pelo espaço individual do namorado e valorização mútua.

## **Tipos de Violência no Namoro**

Sabe-se hoje que os adolescentes envolvidos em relações amorosas experimentam múltiplas formas de abuso (e.g., físico, psicológico, verbal, sexual), começando a perceber-se a verdadeira amplitude de um fenómeno que durante anos foi ocultado, em parte devido à orientação da investigação para as relações maritais (Caridade & Machado, 2010). Ao longo das últimas décadas vários investigadores têm-se dedicado à compreensão dos tipos de perpetração de violência por parte de um parceiro, sendo o uso real ou ameaça de violência física, sexual, abuso psicológico ou stalking (Basile & Hall, 2011)

Podemos considerar a violência física com base no grau de ameaça à vida da vítima. Violência física moderada inclui comportamentos que são sérios, mas não podem ser fatais. Comportamentos comumente classificados como violência física moderada incluem lançar objetos à vítima, agarrar ou empurrar. Violência física grave inclui ações potencialmente letais, exemplos de tais ações incluem bater com um punho ou objeto, fazer ameaças ou agredir com objetos cortantes ou arma de fogo (Hall et al., 2012).

No que respeita à violência sexual, também podemos falar em dois tipos de violência sexual: (1) quando um parceiro é forçado a ter relações sexuais contra a sua vontade ou (2) quando um parceiro está envolvido em atos sexuais sem ter capacidade para os consentir. Sexo forçado ou coagido consiste em atos sexuais, contactos sexuais abusivos e abuso sexual sem contacto, que ocorrem sem o consentimento de um parceiro íntimo. Ele também inclui perpetração de comportamentos quando um parceiro íntimo é incapaz de recusar uma relação sexual ou contacto devido à posse de armas de fogo ou outras armas ou devido à violência física, ameaças de violência física, coerção, real ou percebida, intimidação ou pressão, ou em desvio de autoridade por parte do agressor. Quando a aprovação não é possível a violência sexual ocorre quando um parceiro íntimo é incapaz de consentir devido à idade, doença, invalidez, influência de álcool ou outras drogas (Basile, Arias, Desai, & Thompson, 2004)

Podem considerar-se, também, dois subtipos de violência psicológica: (a) emocional/ verbal e (b) o domínio/ isolamento. Este tipo de violência pretende desvalorizar, embaraçar ou humilhar a vítima com intenção de a afetar, bem como provocar na vítima comportamentos de obediência e isolá-la de outros indivíduos. O primeiro conjunto de comportamentos inclui gritar, chamar nomes ou insultar em frente a outros; o segundo conjunto inclui todas as tentativas de dominar e controlar o

parceiro, tais como controlar o telemóvel ou outros dispositivos e limitar o leque de amigos (Hall et al., 2012).

Embora alguns investigadores reconheçam a importância do stalking – em português considerado assédio persistente -, este é um tipo de violência comumente negligenciado, tendo vindo a ser considerado como um subtipo de abuso psicológico (Mechanic, Weaver, & Resick, 2008). Contudo, o estudo de Basile & Hall (2011) mostrou que o stalking é altamente correlacionado com os outros tipos de violência e que deve ser visto como um tipo de violência específico e não como um subtipo de abuso psicológico. Assim, violência física, sexual, psicológica e stalking são tipos distintos de violência no namoro que devem ser tidas como tal na sua análise.

### **Prevalência da Violência no Namoro**

Relativamente à prevalência da violência na intimidade de adolescentes e jovens, os valores obtidos por diversas investigações têm-se revelado díspares em função do grupo etário e escolar, de características específicas da amostra, da metodologia utilizada e do tipo de relacionamento considerado (Coelho & Machado, 2010).

Em termos internacionais, estima-se uma prevalência situada entre os 21.8% e os 60% de vitimação em contexto das relações de namoro (Matos et al., 2006).

Um estudo de Basile e Hall (2011) elaborado no Texas com 340 indivíduos mostra que a violência física, como empurrar ou agarrar de forma a magoar os parceiros, tem uma prevalência de 38%, a violência psicológica, como gritar ou insultar, obtém o valor de 74%, a violência sexual, como forçar os parceiros a terem relações sexuais quando não queria mesmo que não envolva penetração, apresenta uma percentagem de 22%, e o stalking com uma prevalência de 12%.

As estimativas indicam que cerca de 1.5 milhões de mulheres são agredidas fisicamente ou estupradas por parceiros amorosos nos Estados Unidos da América anualmente; são agredidas fisicamente, em média, 3.4 vezes por ano e estupradas 1.6 vezes também por ano. Além disso, anualmente sofrem de stalking 503.485 mulheres por um parceiro amoroso (Tjaden & Thoennes, 2000). No que respeita aos abusos psicológicos entre 4% a 14% das mulheres são vítimas também por parceiros amorosos (Coker, Sanderson, Cantu, Huerta, & Fadden, 2008).

Em termos nacionais, num estudo efetuado com jovens universitários constou-se que 15.5% dos sujeitos que estavam envolvidos em relacionamentos amorosos referiam

ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo e 21.7% admitiam ter adotado este tipo de condutas em relação aos seus parceiros amorosos (Matos et al., 2006)

Outro estudo efetuado a nível nacional que recorreu a uma amostra de 4667 jovens dos 13 aos 29 anos constatou que, nas suas relações atuais, 25.4% dos jovens já tinham sido vitimados e 30.6% admitiam ter cometido atos abusivos sobre o/a parceiro/a. De forma mais detalhada, 19.5% foram vítimas de violência emocional, 13.4% de violência física e 6.7% de violência física severa, sendo as taxas de perpetração de 22.4%, 18.1% e 7.3%, respetivamente (Caridade, 2008).

### **Consequências da Violência no Namoro**

As diferenças do desenvolvimento entre masculino e feminino (e.g. femininas promovem-se mais relacionalmente e masculino promove-se pela independência e autonomia) podem repercutir-se no impacto que as experiências de violência nas relações de namoro têm na vida dos indivíduos vitimados e na forma como cada género gere essa condição. A violência no namoro pode apresentar um impacto significativo para a vítima, resultando em diversos danos a curto e a longo prazo, tais como, disfunções do comportamento alimentar, stress pós-traumático, perturbações emocionais, comportamentos sexuais de risco, entre outros (Matos et al., 2006).

A violência no namoro tem consequências graves em termos de saúde física e mental, tais como: perda de apetite e emagrecimento excessivo, dores de cabeça, nódoas negras, queimaduras (ácido, pontas de cigarro), tristeza, ansiedade, sentimentos de culpa, baixa autoestima, confusão, depressão, isolamento, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, baixa dos rendimentos escolares ou abandono escolar e suicídio.

### **Stalking**

Nas últimas duas décadas do século XX o stalking foi reconhecido como um problema social por se apresentar como um problema de saúde pública e com implicações legais (Carvalho, 2011; Grangeia & Matos, 2010). Apesar de somente no final do século XX esta preocupação ter despertado, este conceito diz respeito a comportamentos enraizados na sociedade desde longa data. Foi nos anos 90, aquando desta consciencialização, que se notou um maior empenho por parte dos investigadores em explorar o fenómeno, os intervenientes e suas consequências, assim como auxiliar na sua criminalização nalguns países (Carvalho, 2011), apesar de ainda hoje a

investigação subordinada ao stalking se encontrar pouco desenvolvida (Williams & Frieze, 2005).

A consciencialização do stalking como problema social surge na sequência da apropriação do termo pelos *media* norte-americanos nos anos 80 para designar um padrão de perseguição e de condutas que precediam crimes violentos, por vezes fatais, contra as celebridades por parte de admiradores (Grangeia & Matos, 2010; Haugaard & Seri, 2004). O que inicialmente foi conhecido como “star stalking” (stalking contra celebridades) progressivamente foi transposto para outros contextos e relações da população geral (Carvalho, 2011). O que antes era considerado um fenómeno associado exclusivamente à vitimação de celebridades, foi posteriormente para o contexto da vitimação contra a mulher e em situações domésticas, em que muitas mulheres relataram terem sido perseguidas por ex-maridos ou outros com os quais tenham mantido uma relação (Haugaard & Seri, 2004) e, atualmente, configura-se como uma faceta da violência interpessoal, incluindo no seu largo espectro novas tecnologias enquanto meios de intrusão (Grangeia & Matos, 2011).

Paralelamente a esta evolução, a consciencialização surge também da atenção dedicada pelos movimentos sociais o que, conseqüentemente, gerou mudanças legislativas implementadas nalguns países. Também a comunidade científica começou progressivamente a debruçar-se sobre esta forma de vitimação (Grangeia & Matos, 2010).

Esta crescente atenção da comunidade científica face ao fenómeno do stalking permitiu uma maior problematização desta modalidade de vitimação patrocinando o escrutínio das realidades em diferentes contextos e populações. Desse modo, nalguns países – principalmente anglo-saxónicos (e.g. EUA, Austrália, Alemanha, Inglaterra e País de Gales) – o stalking está instituído nas esferas sociais, legais e científicas. O que permitiu captar as suas principais características, como também reconhecer o stalking como um fenómeno de justiça criminal e de saúde pública (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2011). Ainda que haja um conhecimento crescente sobre a dimensão, dinâmicas e perceções sobre o stalking nos países europeus, pouca investigação tem sido conduzida nos países não ocidentais (Grangeia & Matos, 2011).

Em Portugal, apenas recentemente tem sido proporcionado o espaço necessário para que a investigação se desenvolva e consiga uma maior sustentabilidade empírica (Costa, 2011). A vitimação por stalking tem sido alvo de um estudo sistemático e aprofundado pelo Grupo de Investigação sobre Stalking em Portugal (GISP),

coordenado pela Professora Doutora Marlene Matos. Apesar de recente e das investigações sobre o stalking no contexto português se encontrar numa fase inicial, os desenvolvimentos científicos têm sido bastante esclarecedores já em alguns contextos do stalking (Matos et al., 2011), refletindo essas investigações a necessidade de encarar o stalking de forma séria e comprometida.

Deste modo, o cenário português posiciona-se entre os países em que o stalking não tem um termo que agregue o conceito de stalking, a investigação é ainda escassa, o enquadramento legal não contempla algumas das especificidades desta forma de violência nem qualquer lei antistalking e o reconhecimento social tarda em disseminar-se (Matos et al., 2011; Grangeia & Matos, 2010, 2011).

Existe uma urgência no reconhecimento público do stalking por se tratar de uma experiência comum, ameaçadora e perturbadora. A par da efetiva consciencialização da sociedade portuguesa, carecemos de medidas específicas de intervenção e acompanhamento tanto às vítimas como aos perpetradores. Para tal, é fundamental o envolvimento do sistema jurídico-legal, bem como da comunidade científica no sentido da implementação de respostas concretas a este fenómeno. Apesar de relevante, este tema beneficiava de pouca atenção comparativamente à ampla investigação sobre outras formas de violência contra as mulheres, como a violação ou o abuso físico (Grangeia & Matos, 2011).

### **Conceito de Stalking**

O ato de “espreitar” e perseguir existe há séculos, contrariando a crença falaciosa de que o comportamento em si é algo novo (Petherick, 2008). O conceito de Stalking, na sua definição clássica, denotava um carácter sinistro e predatório, surgindo de um contexto do reino animal em que *to stalk* é o ato de espreitar e de se aproximar silenciosamente da caça sem se ser notado. Assim, o termo stalking é o ato de seguir silenciosamente e de se aproximar furtivamente da caça. Já o termo stalker é como o caçador que espreita a caça e que a persegue furtivamente (Paiva, 2007; Mullen, Pathé, & Purcell, 2001).

Ao nível do comportamento humano, a partir dos anos 80, o termo foi reapropriado pelos *mass media* para caracterizar a conduta de uma pessoa que continuamente importuna e assedia outra (Mullen et al., 2001). Deste modo, o termo tem vindo a adotar uma essência mais insidiosa, descrevendo o comportamento de uma pessoa (o caçador), que visa intimidar e assediar outra (o perseguido). Desde então, o stalking entra no

léxico comum de vários países ocidentais enquanto forma de vitimação, sendo a sua definição construída, não só a partir da experiência social, mas sobretudo da necessidade de significar experiências particulares até então descontextualizadas (Grangeia & Matos, 2011).

A este nível - do comportamento humano -, *stalking* refere-se à síndrome comportamental decorrente de uma patologia das relações interpessoais e da comunicação inserido num padrão de comportamentos relacionais complexos, caracterizados pela persistente procura de atenção/contacto, monitorização do comportamento, vigilância relacional, e pelo envio de mensagens não desejáveis de um sujeito (o *stalker*) para outro (a vítima), causando mal-estar, ansiedade e medo neste último (Paiva, 2007; Paiva & Figueiredo, 2005)

Em muitos países o termo *stalking* não é consensualmente entendido como uma forma distinta de vitimação, quer nos discursos sociais, científicos ou legais (Grangeia & Matos, 2010, 2011). Essa ausência de terminologia comum e clara invalida a experiência das vítimas de *stalking* e inviabiliza estratégias de intervenção específicas face ao fenómeno. Na ausência deste reconhecimento não é possível a definição das experiências de perseguição e assédio persistente como forma específicas de vitimação, constituindo apenas episódios isolados, não sendo assim viável a sua compreensão e comunicação a partir de significações partilhadas pelas audiências (Grangeia & Matos, 2011). Porém, o *stalking* é normalmente definido como o ato de seguir/ perseguir, assediar e vigiar outrem de forma, sendo uma dolorosa, maliciosa e repetida perseguição e assédio a outra pessoa cuja segurança fica ameaçada.

Este tipo de violência prevê, portanto, a existência de um padrão de conduta, de ameaças implícitas ou explícitas e provocar um razoável receio. Envolve comportamentos de invasão da vida privada de uma pessoa, assim como uma resposta não adaptativa, por parte da vítima a este tipo de comportamento, que se manifesta, em muitos casos, física e psicologicamente traumática para a vítima (Petherick, 2008).

Para Roberts (2005) o *stalking* tornou-se o rótulo para um padrão de longo prazo de busca persistente e comportamento intrusivo dirigido por uma pessoa para outra, descrevendo todos os tipos de intrusão, perseguição e assédio indesejado direcionado para qualquer indivíduo.

Assim, de um modo geral e ao longo deste trabalho, consideramos que o *stalking* é um padrão de comportamentos de assédio, persistentes, repetidos e indesejados, que

visam a comunicação, contacto, vigilância e monitorização de uma pessoa alvo por parte de um/a stalker, podendo causar algum tipo de impacto e dano na vítima.

### **Prevalência**

A nível internacional, numa meta-análise elaborada por Spitzberg e Cupach (2007) que pretendia procurar a prevalência de vitimação por stalking na comunidade foram obtidos valores na ordem dos 18%.

A nível nacional, num estudo elaborado por Matos e Colaboradoras (2011) com uma amostra de 1210 participantes, em que 52.9% era do sexo feminino e 47.1% era do sexo masculino, com uma média de idades de 44.25 anos (DP= 18.20; mín.= 16; máx.= 94), 19.5% dos participantes reportaram terem sido vítimas de stalking. Sendo o cenário nacional muito semelhante ao cenário internacional no que respeita à prevalência do stalking.

### **Stalking nas Relações de Namoro**

Os comportamentos de stalking podem ocorrer em vários contextos. Atualmente a comunidade científica considera o stalking como uma categoria de vitimação transversal a diversos contextos relacionais e sociais. As vítimas, assim como os stalkers são um grupo heterogéneo (Sheridan, Blaauw, & Davies, 2003), embora vários autores sejam convergentes ao apontar o stalking como forma de violência essencialmente relacional (Spitzberg & Cupach, 2007; Grangeia & Matos, 2010; Caridade & Machado, 2010; Oliveira & Sani, 2009; Matos et al., 2011) e os perpetradores de stalking deste contexto são bastante mais perigosos para os parceiros do que os stalkers não íntimos (Björklundet al., 2010; Meloy, 2007; Phillips, Quirk, Rosenfeld, & O'Connor, 2004). Isto é, o stalking surge essencialmente como uma forma de violência relacional, uma vez que muito do stalking ocorre num contexto em que a vítima e o stalker partilham uma relação de intimidade, configurando as relações de namoro prováveis cenários de vitimação por stalking, e os stalkers íntimos parecem ser os mais perigosos podendo causar mais medo e impacto negativo nas vítimas.

A aceitação do stalking deveu-se enquanto contextualização relacional a ações feministas e à associação deste fenómeno a violência doméstica, permitindo a rápida aceitação como problema social comum, por generalizar uma experiência relativamente invulgar (até então circunscrita às celebridades e a outros contextos) à população geral (Grangeia & Matos, 2011).

Atualmente, a persistência na procura do outro, ainda que na ausência da correspondência de afetos, aparece ainda hoje reforçada nos discursos do amor romântico e da paixão como método eficaz para alcançar uma reunião relacional (Sinclair & Frieze, 2005; Spitzberg & Cupach, 2007). Esta conduta não é, por si só, necessariamente considerada como intrusiva e ameaçadora, podendo até revestir-se de conotações positivas e lisonjeadoras para o alvo (Grangeia & Matos, 2011). Contudo é uma breve fronteira que separa, de um lado, a expressão de afetos culturalmente aceite e, do outro, o assédio e a perseguição de carácter intrusivo, que parece ter protelado a configuração do stalking como categoria de vitimação (Sinclair & Frieze, 2005).

Deste modo, estudar o stalking no âmbito das relações de namoro torna-se uma tarefa ainda mais complicada porque o limite entre o contacto razoável e irracional pode não ser claro. Alguns comportamentos que são intrusivos quando praticados por um estranho podem não ser intrusivo quando iniciado por uma pessoa conhecida que pretenda iniciar uma relação amorosa, ou pelo parceiro amoroso ou por um ex-parceiro, porque os comportamentos podem ser vistos como uma tentativa razoável de iniciar uma relação, demonstrar amor ou de reconciliação (como por exemplo, telefonar ou enviar mensagens). Outra questão que complica é que muitas pessoas têm o seu primeiro namoro sério durante a escola ou faculdade, implicando pouca experiência em distinguir comportamento apropriado e inapropriado. Embora até mesmo os inexperientes nas relações devem saber que determinados comportamentos estão errados (alguém, por exemplo, ameaçar com dano físico) e avaliar a adequação de outros (por exemplo, receber cartas de amor repetidamente). Consequentemente, há comportamentos de stalking que são considerados adequados por umas pessoas, ainda que possam sentir alguma intrusão, e inadequados para outra. Por isso, os jovens precisam definir mais claramente a fronteira entre comportamentos românticos e comportamentos intrusivos.

A coocorrência da violência física, psicológica e sexual com o stalking, durante e após o término da relação parece ser frequentemente documentada. O contexto de uma rutura de relação pautada por violência parece ser um preditor de comportamentos de stalking futuros (Melton, 2007; Brewster, 2003), o que pode indicar que o stalking constitui uma tentativa por parte do agressor de manter ou perpetuar o poder e o controlo sobre o ex-parceiro relacional. De facto, é a perceção da rejeição amorosa (real ou simbólica) que precipita, na maioria dos casos, esta forma de assédio, emergindo de uma complexa motivação associada ao desejo ambivalente de reconciliação e vingança.

É importante considerar o stalking como uma estratégia de poder e controle que integra cenários mais latos de violência, como é o caso na violência nas relações de namoro. O stalking pode surgir como um mecanismo adicional de opressão da vítima através da reiteração de formas de controle e exercício de poder (Grangeia & Matos, 2011).

A vingança e o desejo de reatar a relação são a motivações frequentemente apontadas para os comportamentos violentos que, não raras vezes, são associados a um estado de desequilíbrio psicológico do ofensor (Grangeia & Matos, 2011)

Estudos internacionais estimam que cerca de 80% de todos os casos de stalking envolvem pessoas que estão ou estiveram intimamente envolvidos (Straus, 2004; Melton, 2007; Roberts, 2005; Coleman, 1997) levando assim a concluir que a maioria dos casos de assédio persistente é perpetrada por parceiros nas relações de intimidade.

### **Stalker e a Relação com a Vítima**

A classificação do stalker deve, além de ter em atenção a situação psicológica do sujeito, respeitar outros dois critérios, ou seja, a classificação deve resultar da combinação entre a existência ou não de patologia mental do perpetrador, da relação que possa existir entre este e a vítima e do tipo de motivações que justificam o comportamento. Assim, o stalker pode ser classificado de 5 formas diferentes (Mullen et al., 2001):

1. Stalker Rejeitado: persegue as suas vítimas com o propósito de alterar uma rejeição de que foi alvo (e.g. fim de namoro) e conseguir a reconciliação, sendo a vítima um ex-parceiro amoroso;

2. Stalker que procura intimidade (*intimacy seeker*): procura constantemente meios para estabelecer um relacionamento íntimo com uma vítima cujas características idealizou. Para ele, a aproximação à vítima é um objetivo a longo prazo, sonhando vir a estabelecer com ela uma relação amorosa e insistindo "na conquista", independentemente das reações negativas da vítima;

3. Stalker Pretendente Incompetente: trata-se de um indivíduo com fracas competências sociais e/ou de sedução que desenvolve uma fixação ou, em alguns casos, um sentimento de direito a um relacionamento íntimo com alguém por quem sente uma atração física e/ou amorosa. Normalmente, as suas vítimas mantêm já um relacionamento amoroso com um terceiro indivíduo, pretendendo estes afastá-las do seu atual companheiro;

4. **Stalker Ressentido ou rancoroso:** mantém um sentimento de ressentimento constante para com a vítima, que acredita que o prejudicou, por exemplo com a rutura da relação amorosa, ansiando pela vingança. O seu desejo principal é o de criar angústia e medo na rotina diária da vítima, tendo consciência do impacto das suas ações;

5. **Stalker Predador:** os comportamentos de perseguição constituem uma fase de preparação de um ataque sexual; vigia a vítima com o intuito de obter informações que o ajudem a organizar e perpetrar a agressão, habitualmente, de cariz sexual.

Podemos transportar esta terminologia para o contexto das relações de namoro e associá-la aos vários momentos numa relação de namoro em que o stalking pode ocorrer: antes de iniciada a relação, durante a relação amorosa e depois de terminada a relação.

Como anteriormente dito, a literatura indica que o agressor de stalking é na maioria das vezes alguém conhecido da vítima, geralmente um atual ou ex-namorado ou alguém interessado em conseguir relacionar-se amorosamente (Spitzberg & Cupach, 2007; Amar, 2007; Fremouw et al., 1997; Haugaard & Seri, 2004; Roberts, 2005; Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan, & Roberts, 2010; Spitzberg & Rhea, 1999). Como tal, os comportamentos de stalking, podem perpetrar-se antes, durante ou após a rutura de uma relação.

Sendo o stalking uma conduta frequentemente motivada pelo desejo de iniciar ou manter uma relação amorosa considerada falhada por um dos parceiros, bem como pelo sentimento de revolta e desejo de vingança do parceiro recusado, facilmente a situação poderá escalar para situações especialmente gravosas para a vítima, podendo culminar em homicídio, por vezes associado a suicídio. Indivíduos com dificuldades de relacionamento são especialmente vulneráveis a estas circunstâncias, uma vez que não possuem competências pessoais e sociais que lhe permitam lidar com situações falhadas de início ou manutenção de relações amorosas. Estes, normalmente, respondem com comportamentos abusivos, físicos e psicológicos contra a/o parceira/o, prejudicando também, indiretamente, a sua autoestima e identidade pessoal, uma vez que, na realidade, têm a noção de que estão a fazer mal, ou seja, a prejudicar pessoas pelas quais sentem, ou sentiram, sentimentos de paixão ou amor (Carvalho, 2010).

Vários estudos orientaram a investigação do stalking em adolescentes e jovens adultos que finalizaram relações de namoro (Fremouw et al., 1997; Mustaine & Tewksbury, 1999), focando-se então estes estudos na investigação do stalking após a rutura da relação de namoro, uma vez que é predominantemente o subtipo de ex-

parceiros que exercem stalking sobre as vítimas depois destas terem abandonado a relação (Sheridan et al., 2003). Tal ocorre pelo stalker, neste caso ex-parceiro amoroso, não ser capaz de gerir essa rejeição, procurando vingar-se da vítima (Matos, 2006), começando os comportamentos de stalking após o término da relação amorosa. Neste sentido poderá servir como forma de manter a ligação entre o ofensor e o/a parceiro/a e como tentativa de manter o poder e o controlo sobre estes/as (Logan & Walker, 2009).

É pelo facto do stalking ocorrer primordialmente após a rutura de uma relação, afim do stalker procurar restabelecer uma relação através de contactos constantes e indesejados, que existe uma maior legitimação e permissividade face à persistência demonstrada pelo stalker, pois, ainda que os contactos não sejam correspondidos, a persistência transmite um ideal de romantismo e paixão (Carvalho, 2011).

Não obstante, é importante que as investigações não sejam apenas orientadas para a pós-ruptura das relações de namoro, pois torna-se fulcral compreender as dinâmicas e consequências que o stalking apresenta para as vítimas em qualquer momento das relações amorosas (antes de iniciar uma relação, durante uma relação e depois de terminada a relação). Tal apresenta-se de extrema importância uma vez que ser alvo de stalking pode perturbar a vida dos adolescentes e jovens adultos, influenciando negativamente os seus relacionamentos futuros independentemente do momento de ocorrência (Haugaard & Seri, 2004).

## **Vítima**

Como a vítima desempenha um papel importante em qualquer caso criminal, muitas vezes é útil fornecer um perfil da vítima, para avaliar a razão pela qual a vítima foi escolhida, e qual o nível de risco que o infrator estava disposto a correr, ou a se expor, durante a ‘aquisição’ dessa vítima. Esta abordagem psicológica/investigativa do estudo da vítima pode fornecer informações cruciais que não se encontram disponíveis (Petherick, 2008).

Apesar de qualquer pessoa, independentemente do sexo, orientação sexual, etnia, faixa etária ou classe social poder ser sujeita à vitimação por stalking, em qualquer período da sua vida, é consensual que as mulheres são os alvos primordiais e os homens os principais perpetradores na medida em que constitui um mecanismo patriarcal que mantém o poder opressivo nas mulheres através de meios coercivos (Matos & Grangeia, 2010; Matos et al., 2011). Estudos sugerem que o sexo feminino é mais vulnerável aos comportamentos de stalking (cerca 60% das mulheres são apontadas como vítimas de

stalking perpetrado por um parceiro íntimo, contra 30% dos homens) maioritariamente perpetrados por um único stalker (cerca de 90%), e o sexo masculino é apontado como maioritariamente associado ao stalker (cerca de 80%), na medida em que constitui um mecanismo social patriarcal que mantém o poder opressivo sobre as mulheres através dos meios coercivos (Phillips et al., 2004).

De acordo com Sheridan e Colaboradores (2003), um grande número de estudos sobre o fenómeno do stalking documenta uma grande assimetria de género, sendo que é estimada uma prevalência de vitimação de 12 a 16% sobre as mulheres e de 4 a 7% sobre os homens, predominando portanto o exercício de stalking do masculino sobre o feminino. Assim, o sexo feminino é mais frequentemente vítima de stalking em comparação com o sexo masculino, o que pode dever-se ao facto das raparigas se percecionarem como detendo mais competências em termos do estabelecimento e manutenção de relações amorosas. Tal poderá estar relacionado com a ideia de que as raparigas estarão mais direccionadas para o relacionamento interpessoal, recebendo maior pressão para a simpatia e o altruísmo (Custódio, Domingues, Vicente, Silva, Dias & Coelho, 2010).

Por outro lado, os jovens são descritos como os grupos mais vulneráveis a esta forma de violência (Purcell, Pathé, & Mullen, 2002), embora a atenção precoce do stalking se tenha focado em vítimas consideradas celebridades, esta foi expandindo para o público em geral e recentemente considerada um problema significativo nos adolescentes e jovens (Phillips, et al., 2004). Mais especificamente, vários estudos têm observado altas taxas de stalking entre os estudantes universitários, que excedem em muito as taxas de prevalência encontradas na população em geral.

Nos estudos feitos ao nível do stalking entre estudantes universitários foram encontradas taxas de prevalência que variavam entre os 11% e os 89%: 25% (Amar, 2007), 31% (Fremouw, Westrup, & Pennypacker, 1997), 20% (Haugaard & Seri, 2004), 89% (Langhinrichsen-Rohling, Palarea, Cohen & Rohling, 2002, citado por Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan, & Roberts, 2010), demonstrando uma prevalência de vitimação de 25% a 27% nas mulheres jovens e de 11% a 17% nos homens jovens (Haugaard & Seri, 2004; Philips, et al., 2004; Fremouw et al., 1997; Caridade & Machado, 2010). Por exemplo, Fremouw e seus colegas relataram que 27% das mulheres e 15% dos homens em sua amostra de estudantes de West Virginia University tinha sido perseguido. Bjerregaard (2002, citado por Phillips et al., 2004) encontrou uma taxa comparável de perseguição entre estudantes universitários, na sua amostra

25% das mulheres e 11% dos homens relataram essa experiência. Não surpreendentemente, as vítimas do sexo feminino na amostra do estudo de Bjerregaard eram mais propensas que os homens para serem ameaçados pelo seu perseguidor e também eram mais propensos a manifestar que temiam pela sua segurança física. Na verdade, as vítimas stalking do sexo feminino relataram o dobro do nível de medo em relação às vítimas do sexo masculino, mesmo quando eles receberam semelhantes comunicações ameaçadoras.

Num outro estudo elaborado por (Björklund et al., 2010) com uma amostra de 615 estudantes universitários de cinco universidades finlandesas, em que 86.6% era do sexo feminino e com uma média de idade de 24.2 (DP= 3.49; mín.= 18; máx.= 42), 48.5% dos participantes reportaram terem sido vítimas de stalking, mostraram que o stalking é altamente prevalente nesta população.

A frequente vitimação nesta população pode, também, dever-se ao facto dos jovens estarem num período de mais atividade social. Ao mesmo tempo, muitos alunos sofrem de solidão. Uma vida social ativa e uma necessidade de ser parte disso pode aumentar a vulnerabilidade de stalking por conhecidos. Os pesquisadores também sugerem que os anos universitários são ainda uma fase de aprendizado para muitos estudantes em relação a situações sociais complexas, e alguns deles podem ter deficits de desenvolvimento em habilidades sociais que as predispõem a perseguição (Björklund et al., 2010).

Este grupo etário encontra-se, também, num período crítico em termos de mudanças e de conflitos de papéis, sendo que as mensagens de socialização que as mulheres recebem e interiorizam as vão tornando, com a passagem dos anos, progressivamente mais vulnerável ao envolvimento em relações violentas, nomeadamente à vitimação (Caridade & Machado, 2010).

A adolescência, instituindo-se como período de grandes mudanças e transições, desempenha um papel fulcral no desenvolvimento dos jovens, sendo que nesta fase os adolescentes incrementam a construção de relações fora do contexto familiar, em busca de autonomia e definição da sua identidade. Todavia, muitas vezes, os jovens deparam-se com cenários relacionais inesperados, pautados por comportamentos violentos e outras formas de coerção, face aos quais poderão ser levados a adotar uma postura de legitimação, concebendo tais práticas como uma manifestação de amor e/ou ciúme (Caridade & Machado, 2010; Custódio, et al., 2010).

## **Comportamentos de Stalking**

É bastante difícil delimitar os comportamentos que configuram o fenómeno do stalking. Na realidade, trata-se de uma constelação de condutas que podem ser muito diversificadas, mas envolvem sempre uma intrusão persistente e repetida através da qual uma pessoa procura se impor à outra, mediante contatos indesejados, às vezes ameaçadores, gerando insegurança, constrangimentos e medo na vítima. Em decorrência dessa invasão na sua privacidade, a vítima também inicia um conjunto de comportamentos evitativos.

É de primordial importância a desconstrução de crenças que sustentam comportamentos intrusivos futuros, uma vez que este fenómeno dialoga com comportamentos fortemente enraizados como socialmente aceites e até esperados (e.g. persistência no cortejamento, não desistir face à rejeição). A prevenção destes comportamentos e a promoção de relacionamentos saudáveis, sustentados em empatia e assertividade, constituem estratégias prioritárias para desafiar as diferentes formas de violência interpessoal. (Grangeia & Matos, 2011).

No que se refere aos comportamentos evitativos por parte da vítima, estes podem passar por trocar o número do telefone, alterar a rotina diária, os horários, os caminhos e os percursos que costumava fazer, deixar avisos no trabalho ou em casa, ou aumentar os mecanismos de segurança e proteção pessoal, podendo transitar da evitação para a negociação e mesmo para o confronto (Roberts, 2005).

Relativamente aos comportamentos do stalker dirigidos às vítimas, Spitzberg e Cupach (2007) elaboraram uma meta-análise de 175 estudos sobre stalking nos parceiros íntimos onde identificaram oito tipos de comportamentos incluídos no stalking: (1) híper-intimidade (comportamentos românticos normais levados ao excesso, por exemplo, ligar 20 vezes), (2) contacto mediado (e.g. formas de comunicação utilizando a tecnologia, também conhecido como cyberstalking), (3) contacto interacional (e.g. orientado para o contacto cara-a-cara inclusive aparecendo em vários lugares ou sentado ao lado da vítima em um local público), (4) vigilância (e.g. meios mais dissimulados de reunir conhecimento sobre a vítima, perseguir ou utilizar a vigilância eletrónica), (5) invasão (por exemplo, violação de limites pessoais e legais, como invadir a casa das vítimas), (6) assédio e intimidação (por exemplo, insultar, espalhar rumores, ou tentativa de arruinar a reputação da vítima), (7) coerção e ameaças (e.g. tentativa de influenciar a vítima através de ameaças de danos contra os entes queridos, animais, família ou amigos) e (8) agressão ou vandalismo (e.g. agressão física,

dano ou ameaça de dano físico à vítima ou ao próprio agressor, violação ou tentativa de violação e homicídio ou tentativa de homicídio).

Os contactos interacionais e táticas de vigilância combinam atividades para facilitar a proximidade física de um parceiro com tentativas sistemáticas de monitorizar as atividades de um parceiro íntimo para conseguir informações sobre ela. Em contraste, perseguição envolvendo contatos mediados inclui a comunicação através de meios escritos ou eletrónicos, bem como através de expressões como presentes (Spitzberg & Cupach, 2007; Spitzberg & Hoobler, 2002)

Por vezes, o stalker espalha boatos sobre a conduta profissional ou moral da vítima, divulga que esta é portadora de uma doença grave, que fugiu, que se encontra a vender a sua residência, que perdeu dinheiro no jogo, que é procurada pela Polícia, entre outros. Vai ganhando, com isso, poder psicológico sobre o sujeito passivo, como se fosse o controlador geral dos seus movimentos.

Num outro estudo realizado com 340 homens, os comportamentos de hiper-intimidade foram os mais comumente relatados, fazendo, por exemplo, telefonemas indesejados à parceira (12%). Por outro lado, também os contactos interacionais e os de vigilância foram comumente relatados, sendo frequente comportamentos como seguir ou vigiar repetidamente a parceira.

Matos e Colaboradoras (2010, 2011) agrupam os comportamentos da seguinte forma: (1) tentativa de entrar em contacto através de cartas, e-mails ou telefonemas indesejados, (2) aparecimento em locais habitualmente frequentados pela vítima, (3) perseguição, (4) ameaças a vítimas ou terceiros e (5) agressões à vítima.

Podemos então perceber que os comportamentos podem consistir ações rotineiras e aparentemente inofensivas (e.g., oferecer presentes, telefonar frequentemente) ou em ações inequivocamente intimidatórias (e.g., perseguição, mensagens ameaçadoras) (Grangeia & Matos, 2010; Matos et al., 2011). Segundo a literatura, são mais recorrentes os casos em que os stalkers tentam entrar em contacto com as vítimas através de meios considerados como menos intrusivos, tais como entrar em contacto através de cartas, e-mails ou telefonemas.

Os comportamentos mais comuns dirigidos por stalkers em direção às suas vítimas incluem chamadas telefónicas indesejadas e repetidas; visitar a casa da vítima e local de trabalho e/ou escola; envio de e-mails ou cartas indesejadas; seguir a vítima; enviar presentes não desejados, caluniar, procurar informação da vítima, abordar a vítima e frequentar locais públicos que a vítima frequenta (Haugaard & Seri, 2004; Paiva C. A.,

2007; Roberts, 2005; Sinclair & Frieze, 2005; Sheridan, Davies, & Boon, 2001).

Também podem estar presentes os danos à propriedade e agressão física às vítimas ou pessoas relacionadas, contudo em menor escala (Haugaard & Seri, 2004; Paiva, 2007).

Na realidade estes comportamentos podem ter determinadas peculiaridades: (1) invasão à privacidade da vítima, (2) repetição de atos, (3) dano à integridade psicológica e emocional do sujeito passivo, (4) lesão à sua reputação, (5) alteração do seu modo de vida, e (6) restrição à sua liberdade de locomoção.

Ao prolongarem-se no tempo, os comportamentos de stalking tendem a escalar em frequência e severidade, podendo mesmo associar-se a outras formas de violência, tais como agressões físicas e/ou sexuais. Este padrão de conduta, pela sua persistência e contexto de ocorrência, transforma-se numa verdadeira campanha de assédio que, muitas vezes, afeta o bem-estar da vítima causando-lhe medo e ansiedade (Grangeia & Matos, 2010).

### **Impacto, Medo e Consequências**

Tal como em outras formas de violência, nomeadamente nas relações amorosas, também o stalking representa uma ameaça significativa e causa, normalmente, várias dificuldades às vítimas a vários níveis, tais como social, económico, físico e psicológico (Sheridan et al., 2003; Petherick, 2008), sendo que as mulheres são mais significativamente propensas a relatar medo (Phillips et al., 2004).

A natureza intrusiva e persistente do stalking pode levar os indivíduos a temer pela sua segurança. O medo pode ser demonstrado por comportamentos como simplesmente a oferta de flores por parte do agressor à vítima, tendo este medo de enfrentar o comportamento. Esse medo pode variar consoante a interpretação que a vítima faz do comportamento do ofensor (Amar, 2007).

É difícil explicar o quão intrusivos podem ser os comportamentos de stalking. Ameaças credíveis geralmente são demonstradas por algum tipo de intenção em prejudicar. Estes podem variar de ameaças implícitas às ameaças explícitas que incluem provas de que o agressor pode realizar as ameaças. Muitas vezes, apenas as vítimas estão conscientes do nível de ameaça. Sem uma apreciação do contexto, os comportamentos podem ser mal interpretados. Por exemplo, poderá ser complicado para uma pessoa que não a vítima, mesmo que próxima, perceber que comportamentos como deixar flores ou uma carta de amor pode ser maligno, pois mais facilmente vai percebê-lo como um ato romântico. Por outro lado, a vítima percebe esses

comportamentos do agressor como uma ameaça, especialmente quando agregado a outros comportamentos inerentes ao stalking. Deste modo, importa assinalar que por vezes a perseguição e o assédio são notados não só pela vítima, mas também por pessoas próximas, sem no entanto avaliarem esses comportamentos como potencialmente perigosos. Este facto revela-se importante na medida em que o desconhecimento das dinâmicas do stalking (e.g. processo de escalada) contribui para a desvalorização de sinais de perigo

Uma das óbvias dificuldades em quantificar os efeitos do stalking reside na diferença entre o dano físico (agressões - incluindo violência sexual, danos à propriedade, etc.), que são mais evidentes e reconhecíveis, e as ofensas psicológicas (perda de sono, ausência do trabalho, e isolamento social). A última classe de danos não pode ser identificada pela vítima em relação ao stalking, mesmo nos casos em que a doença física é despertada psicologicamente – e, portanto, psicossomática. As vítimas de stalking não identificam doenças como febres e distúrbios gastrointestinais como relacionadas com o stalking, apesar do relato de outras perturbações atribuídas à intrusão. Um exemplo interessante, dos Estados Unidos, é o de Gary Dellapenta, de 50 anos de idade, ex-segurança, que, depois de ser repellido por um interesse amoroso, fez uma campanha de assédio na internet contra a pessoa. A vítima ficou tão aterrorizada que perdeu o emprego, perdeu muito peso e passou muitos dias sem conseguir sair da cama (Petherick, 2008).

Ao nível do impacto psicológico, os efeitos sobre a saúde mental de stalking são surpreendentes. As vítimas relatam medo, nervosismo, raiva, depressão e ansiedade (Amar, 2007). No estudo de Björklund e Colaboradores (2010), quase metade das vítimas relatou que foram emocionalmente afetadas, o que sugere que os danos emocionais e psicológicos desempenham um papel significativo para as vítimas de stalking. No que respeita aos efeitos sobre a saúde física, estes incluem somatização, perturbação do sono crónica, cansaço excessivo ou fraqueza, distúrbios do apetite, dores de cabeça frequentes e náuseas persistentes (Amar, 2007). Já ao nível do impacto social na vida da vítima, o medo real pode levar a mudanças no estilo de vida da vítima como resposta ao stalking. As vítimas de stalking são socialmente afetadas, mudando o seu estilo de vida como forma de lidar com os comportamentos de stalking que lhes são dirigidos. Por exemplo, as vítimas relatam mudanças na escola, trabalho e atividades sociais, mudando os números de telefone e rotinas, tomando precauções extras e, até mesmo, de se mudar para uma nova cidade, trabalho, ou escola (Sheridan et al., 2001).

Também poderá existir um impacto económico devido ao stalking, este é estimado em 342 milhões dólares por ano (Centro Nacional para a Prevenção e Controle de Lesões, 2003, citado por Amar, 2007).

No que respeita às diferentes áreas que podem ser afetadas pelo stalking na vítima, o impacto negativo mais elevado parece ser ao nível da saúde psicológica, de tal modo que alguns autores foram levados a classificar o stalking como uma forma de terrorismo psicológico por se acordar que as vítimas apresentam mais sintomas de saúde mental (Amar, 2007; Basile & Hall, 2011; Matos, et al., 2010, 2011)

O estudo de Blaauw, Winkel, e Arensman (2000) sobre os efeitos do stalking numa amostra de 246 indivíduos indicou que as vítimas apresentam uma grande variedade de efeitos negativos. Para sintomas somáticos as vítimas de stalking obtiveram 6.6%, a ansiedade e a insónia foram avaliadas em 6.6% para as vítimas de stalking, os sintomas de disfunção social foram avaliados em 6.9% e a depressão severa foi avaliada em 1.6%.

Petherick (2008) refere dois estudos acerca do impacto do stalking nas vítimas. O primeiro estudo é de Monico (1998), onde foram encontrados resultados que indicam que os comportamentos de stalking têm um impacto significativo sobre as vidas das vítimas de stalking, com 98% para o aborrecimento ou raiva, 81% para as manifestações de preocupação e 87% para a inquietação. Num outro estudo realizado por Pathé e Mullen (1997), com 100 vítimas de stalking, todos exceto seis sofreram grandes mudanças nas suas vidas profissionais/escolares e sociais, com 53% delas a alterar ou a abandonar o emprego e 39% a mudar de residência. Um aumento geral dos níveis de ansiedade foi relatado em 83% dos casos e as lembranças intrusivas e *flashbacks* foram relatados em 55% dos casos.

A experiência de vitimação por stalking implica efeitos negativos tanto o sexo feminino como o masculino, mas de diferentes formas. As vítimas do sexo feminino relatam o dobro do nível de medo em relação às vítimas do sexo masculino (Fazio, 2011; Grangeia & Matos, 2010; Phillips et al., 2004).

### **Procura de Apoio e Utilidade**

Como anteriormente referido, a vitimação por stalking afeta as vítimas a vários níveis, nomeadamente ao nível da saúde mental, sendo essencial os profissionais de saúde terem um conhecimento claro sobre os comportamentos e consequências associadas ao fenómeno. Contudo, parece ainda haver poucas vítimas de stalking a

procurar apoio, só uma reduzida parte das vítimas o fazem. Tal pode dever-se ao facto de existir variações na perceção acerca do stalking e do não reconhecimento deste fenómeno. Uma vez que existem diversas perceções do fenómeno torna-se difícil os indivíduos serem capazes de identificar um comportamento como sendo stalking, baixando a probabilidade de denúncia e procura de ajuda (Amar, 2007; Sheridan et al., 2003). Este não reconhecimento do stalking, dos comportamentos a ele inerentes e da reduzida procura de apoio por parte das vítimas traz alguns efeitos, nomeadamente ao nível da prática dos profissionais e da adequação dos serviços de apoio (Grangeia & Matos, 2011; Matos et al., 2011).

Também pode baixar a probabilidade de procura de apoio o facto de o agressor ser conhecido da vítimas, pois quando comparado com stalkers não conhecidos, é notória uma diferença (Phillips et al., 2004).

Vários apoios podem ser identificados, podendo dividir-se em ajudas informais e formais. Podem considerar-se apoios informais os que são por parte de familiares, amigos, conhecidos, pessoas do contexto profissional e pessoas do contexto escolar; e apoios formais por parte de profissionais das forças de segurança, profissionais de saúde e serviços sociais ou de apoio à vítima.

Das vítimas que procuram apoio, as mulheres fazem-nos mais frequentemente relativamente aos homens para resolver a problemática aquando a sua vivência (Bjerregaard, 2002, citado por Matos et al., 2010; Matos et al., 2011).

### **Objetivos/ Hipóteses**

Como já havia sido anteriormente referido, o presente estudo pretende estudar o stalking como forma de violência nas relações de namoro em adolescentes e jovens adultos.

A partir da identificação dos vários comportamentos de stalking, pretende-se estudar a prevalência de vitimação destes comportamentos, bem como avaliar o perfil de vítima e de stalker, as dinâmicas de vitimação, o impacto, o tipo de apoio ativado e o respetivo grau de utilidade.

Deste modo e com base na literatura e nos estudos apresentados definem-se as seguintes hipóteses de estudo, esperando-se que:

1. O stalking ocorre em simultâneo com outros tipos de abuso, sendo os mais frequentes o físico e o psicológico;

2. As vítimas de stalking são predominantemente do sexo feminino e predominantemente vítimas por apenas um stalker;
3. Os stalker são predominantemente do sexo masculino;
4. Os comportamentos de stalking são perpetrados com maior frequência depois de terminada a relação de namoro;
5. Os comportamentos mais frequentes de stalking são as ações aparentemente inofensivas;
6. A maioria dos comportamentos é perpetrada reiteradamente (maioritariamente diária ou semanalmente) e a sua duração é prolongada (maioritariamente entre um mês a seis meses);
7. O maior impacto nas vítimas é a nível psicológico e a maioria das vítimas apresenta medo;
8. A maioria das vítimas não procura apoio.

## **Método**

### **Participantes**

Os participantes do estudo pretendiam-se adolescentes e jovens, de ambos os sexos, pertencentes à comunidade portuguesa (residentes em Portugal Continental ou nas Regiões Autónomas dos Açores ou da Madeira).

Para poderem participar no estudo, isto é, para cumprirem os critérios referentes ao preenchimento dos instrumentos de recolha de dados, os adolescentes ou jovens precisavam ter a idade mínima de 14 anos e precisavam estar ou já terem estado em pelo menos uma relação de namoro, isto é, que namorassem ou já haviam namorado anteriormente. Era, ainda, necessário que os participantes não estivessem ou nunca tenham estado em situação de casamento e/ou união de facto. Deste modo, os participantes teriam de responder aos instrumentos de recolha de dados (posteriormente descritos) com base nas suas relações de namoro, excluindo todas as outras opções que não remetem para este tipo de relação.

Foram consideradas duas amostras neste estudo. A primeira considera-se uma amostra total que inclui todos os participantes no estudo, incluindo-se nesta os participantes que foram vítimas de stalking e os que relataram nunca terem sido vítimas.

Uma vez que esta investigação assenta na vitimação por stalking, a segunda amostra considerada, a amostra parcial, corresponde apenas aos participantes que se autodefiniram como vítima de stalking no âmbito de uma relação de namoro, tendo estes respondido positivamente à questão “Ao longo da vida alguma vez foste alvo deste tipo de interesse?”.

### **Amostra total – total dos participantes.**

A primeira amostra (amostra com o total dos participantes) era, então, constituída por 541 participantes, 69.9% do sexo feminino e 30.1% do sexo masculino. A média de idades dos participantes foi de 23.15 anos (DP= 3.658; mín.= 14 anos; máx.= 41 anos).

Relativamente à nacionalidade, 98.2% dos participantes eram portugueses, sendo que os restantes 1.8% dos participantes eram de nacionalidade brasileira, inglesa e angolana. Quanto à região em que o participante habita, a maioria encontra-se em Lisboa e Vale do Tejo correspondendo a 62.1% dos participantes. Os restantes indivíduos eram do Norte (6.5%), Centro (19.4%), Alentejo (7.2%), Algarve (2.4%), Região Autónoma dos Açores (1.8%) e Região Autónoma da Madeira (.6%). Quanto ao

local de habitação, 84.5% dos participantes referiu habitar numa zona rural e os restantes em zona urbana.

No que concerne às habilitações académicas, 63.2% dos participantes tinham formação superior (41.2% licenciados e 22% pós-graduados, mestres e/ou doutorados). Os participantes com habilitações do 3º ciclo do ensino básico (7º, 8º e 9º anos) e com habilitações do ensino secundário (10º, 11º e 12º anos) corresponderam às categorias menos frequentes, representando, respetivamente, 2.8% e 34% dos participantes.

### **Amostra parcial – participantes autodefinidos vítimas.**

Do total dos participantes (541 indivíduos), 39.9% (198 indivíduos) relataram terem sido vítimas de stalking em algum momento da sua vida. Sendo que no total desta amostra, e tendo como tempo de referência o momento do preenchimento dos questionários, estariam a ser vítimas atualmente 14.8% dos indivíduos. Por outro lado, a 28.6% dos indivíduos tinham sido vítimas nos últimos 12 meses e em 71.4% dos casos a vitimação tinha ocorrido há mais de um ano.

No que respeita ao sexo das vítimas de stalking no âmbito das relações de namoro, 72.5% eram do sexo feminino e 27.5% eram do masculino.

A média de idades das vítimas de stalking foi de 23.42% (DP= 3.616; mín.= 15 anos; máx.= 35 anos).

Relativamente à nacionalidade, 96.8% dos participantes eram portugueses, sendo que os restantes eram de nacionalidade brasileira (1.6%), inglesa (1.1%) e angolana (0.5%). Quanto à região em que o participante habita, a maioria encontra-se em Lisboa e Vale do Tejo correspondendo a 59.8% dos participantes. Os restantes indivíduos eram do Norte (4.8%), Centro (19.6%), Alentejo (10.1%), Algarve (2.6%) e Região Autónoma dos Açores (3.2%) (nenhum participante pertencente à Região Autónoma da Madeira relatou ter sido vítima de stalking). Quanto ao local de habitação, 85.2% dos participantes habitavam numa zona rural.

No que concerne às habilitações académicas das vítimas, 64.6% tinham formação superior (43.4% licenciados e 21.2% pós-graduados, mestres e/ou doutorados). Os participantes com habilitações do 3º ciclo do ensino básico correspondem a 2.1% da amostra e os participantes com habilitações do ensino secundário corresponderam a 33.3%.

Os participantes que se autodefiniram como vítimas iniciaram a primeira relação de namoro em média aos 16.02 anos de idade (DP= 2.566; mín.= 10 anos; máx.= 27 anos).

No momento do preenchimento dos questionários, 49.7% das vítimas encontravam-se numa situação de namoro, 9.5% encontravam-se a namorar coabitando com o seu namorado e 40.7% não namoravam.

### **Instrumentos**

De seguida é feita uma descrição das características dos instrumentos utilizados.

Todos os questionários são de autorrelato, preenchidos individualmente pelos participantes com base nas suas experiências de namoro e nos comportamentos de que foram alvo por parte do outro elemento da sua díade amorosa. Em conjunto, os instrumentos aferem dados relevantes dos participantes e das suas experiências amorosas, mais especificamente da ocorrência de stalking e de outras formas específicas de abuso, como o comportamento ameaçador, o abuso físico, sexual, emocional ou verbal e o abuso relacional (cf. Tabela 1).

Tabela 1.

#### *Instrumentos Utilizados e Objetivos*

Instrumentos	Objetivos
Questionário Sociodemográfico	Recolher dados sociodemográficos dos participantes e informações acerca das suas relações amorosas (situação atual e primeira relação).
Inventário de Vitimação por Stalking (IVS – M. Matos, H. Grangeia, C. Ferreira & V. Azevedo, 2009)	Identificar casos de vitimação por stalking; analisar os perfis da vítima e do/a stalker, as dinâmicas e cenários de vitimação, o impacto da vitimação na vítima, bem como as respostas desta à experiência vivida.
Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (Saavedra, Machado, Martins, & Vieira, 2010)	Aferir a ocorrência de formas específicas de abuso que ocorrem em simultâneo com o stalking, como o comportamento ameaçador, o abuso relacional, o abuso físico, o abuso sexual e o abuso emocional ou verbal, bem como as estratégias utilizadas pelas vítimas e agressores nas relações de namoro.

### **Questionário Sociodemográfico.**

O questionário sociodemográfico pretendia fazer o levantamento dos dados sociodemográficos dos participantes, obtendo informação mais detalhada da população que se pretendia estudada, bem como realizar um controle estatístico de algum atributo que possa interferir diretamente nos resultados (Anexo B).

Este questionário era composto por nove itens que inquiriam o participante acerca da sua idade, sexo, nacionalidade, habilitações académicas, região do país e local de habitação, situação amorosa atual, idade do primeiro relacionamento amoroso e, por último, pessoa em quem o participante estaria a pensar aquando o preenchimento dos questionários aplicados.

### **Inventário de Vitimação por Stalking - IVS.**

Neste estudo foi utilizada uma versão adaptada do Inventário de Vitimação por Stalking (IVS – M. Matos, H. Grangeia, C. Ferreira & V. Azevedo, 2009) com o intuito de avaliar o stalking nas relações de namoro.

O IVS (Anexo C) é um questionário de autorrelato, que inquire sobre a vitimação por stalking, através de 23 itens, agrupados em cinco secções: Secção I. Dados sociodemográficos; Secção II. Prevalência - avaliando a prevalência da vitimação; Secção III. Perfis, dinâmicas, cenários - avaliando o perfil da vítima e do stalker, bem como as dinâmicas de vitimação; Secção IV. Impacto na vítima; Secção V. Respostas à vitimação - avaliando o tipo de fontes de apoio ativadas e o respetivo grau de utilidade.

Apesar do IVS estar preparado para avaliar a vitimação por stalking independentemente da relação que a vítima tenha com o agressor (e.g. conhecidos, desconhecidos, parceiro íntimo, colega, vizinho, familiar), este inventário foi utilizado para avaliar o stalking especificamente no âmbito das relações de namoro, isto é, avaliar a vitimação de stalking por parte do/a namorado/a ou ex-namorado/a, excluindo assim a avaliação em outro tipo de relações. Para tal, foram feitas algumas adaptações ao questionário original, tais como: (1) a secção I do questionário foi eliminada uma vez que os dados nesta secção aferidos já integravam o questionário sociodemográfico anteriormente referido; (2) na secção III foi modificado o item correspondente à relação vítima-stalker uma vez que o tipo de relação já era conhecido - relação de namoro -, passando o item a inquirir acerca da situação atual de namoro da vítima em relação ao stalker, isto é, questiona o participante se se encontra numa situação de namoro ou ex-

namoro com o stalker. Assim, o IVS – versão adaptada, conta apenas com quatro secções e com o total de 16 itens (cf. Tabela 2).

Tabela 2.

*Secções e Variáveis Analisadas no IVS – Versão Adaptada*

	Secção	Variáveis
I	Prevalência	Prevalência ao longo da vida. Número de stalkers, sexo do stalker, situação atual da
II	Perfis, Dinâmicas e Cenários	relação como o stalker, momento da ocorrência, prevalência atual, comportamentos sofridos, frequência e duração. Desempenho profissional/ académico, saúde física, saúde
III	Impacto	psicológica, relações com os outros em geral, relações de intimidade, económico/ financeiro, estilo de vida/ comportamento e medo.
IV	Respostas à Vitimação	Procura de ajuda, fontes de apoio e utilidade.

Tal como os autores do IVS referem (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2011) e à semelhança da versão original, o instrumento integra uma dupla função, permite, por um lado, detetar a existência de vitimação ao longo da vida e, por outro, caraterizar essa experiência em vários domínios (perfil da vítima e do/a stalker, dinâmicas, impacto e procura de apoio). Por esse motivo, estas duas áreas do questionário foram definidas como independentes, mas articuladas. Assim, a Secção I (referente à prevalência ao longo da vida) foi aplicada a todos os participantes, enquanto as restantes secções foram aplicadas àqueles que se autodefiniram como vítimas de stalking (isto é, aos indivíduos que responderam afirmativamente à questão da vitimação).

As generalidades das questões contidas neste questionário são fechadas e de resposta múltipla. A cada pergunta formulada eram dadas várias respostas, das quais o inquirido apenas tinha de escolher uma e assinalá-la, enquanto outras, claramente identificadas, os participantes podiam assinalar várias opções.

### **Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes.**

O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (Saavedra, Machado, Martins, & Vieira, 2010) é uma tradução, adaptação autorizada e validação do Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory - CADRI (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grayley, & Straatman, 2001), que permite aferir a ocorrência de formas específicas de abuso, como o comportamento ameaçador, o abuso relacional, o abuso físico, o abuso sexual e o abuso emocional ou verbal (Anexo D).

Este questionário de autorrelato, dirigido a jovens com idade igual ou superior a 14 anos de idade com experiência atual ou passada de envolvimento em relações amorosas, foi também aplicado apenas aos participantes que se autodefiniram como vítimas de stalking no Inquérito de Vitimação por Stalking (IVS).

Optou-se por este instrumento em detrimento de outros uma vez que este se encontra adaptado e validado para a população portuguesa e os seus conteúdos e linguagem se encontra adequado a adolescentes e jovens, sendo que outros instrumentos sobre este tema se dirigem apenas à população adulta (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Grasley, & Straatman, 2001).

Na sua versão portuguesa, tal como na original, o inventário é composto por duas dimensões: numa primeira dimensão, com 35 itens, é avaliada a utilização pelo participante de estratégias de resolução de conflitos abusivas ou não abusivas; numa segunda dimensão, também composta por 35 itens, é avaliada a utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas ou não abusivas nos relacionamentos de namoro pelo parceiro amoroso, estabelecendo a distinção entre o comportamento do próprio (participante) e o comportamento do(a) outro(a) (namorado(a)). As estratégias de resolução de conflitos abusivas referem-se à utilização de alguma forma de comportamento violento, enquanto as estratégias positivas ou não abusivas procuram a resolução da disputa sem recurso a comportamentos agressivos ou violento.

Assim, cada parte do questionário é composta pelos mesmos dois fatores, revelados através da análise fatorial dos dados, a saber: (1) estratégias de resolução de conflitos positivas ou não abusivas, e (2) estratégias de resolução de conflitos abusivas.

Tal como foi realizado no estudo de Saavedra (2010) e de modo a facilitar a compreensão dos resultados, a componente que inclui comportamentos realizados pelo próprio sujeito, abusivos ou não abusivos, foi designada como *Escala de comportamentos do próprio*, enquanto a componente que inclui comportamentos (também abusivos ou não abusivos) realizados pelo parceiro ou parceira foi designada

como *Escala de comportamentos do outro*. É de referir que, uma vez que o estudo se prende com a vitimação, importou aferir os dados referentes aos abusos de que os participantes foram vítimas por parte do/a namorado/a, assim foram considerados os dados relativos à conduta do outro (namorado/a) relativamente ao sujeito (participante), utilizando-se assim a *Escala de comportamentos do outro*.

As alternativas de resposta indicam a frequência do comportamento (Nunca: isto nunca aconteceu no teu relacionamento; Raramente: isto aconteceu 1-2 vezes no teu relacionamento; Às vezes: isto aconteceu 3-5 vezes no teu relacionamento; Frequentemente: isto aconteceu mais do 6 vezes no teu relacionamento).

O instrumento sofreu alterações no que respeita à parte referente à recolha de dados sociodemográficos uma vez que estes já estariam contemplados no questionário destinado exclusivamente para este fim.

A recolha de dados para a validação e adaptação do CADRI (Wolfe et al., 2001) foi realizada no âmbito do Projeto IUNO II – sensibilização e informação sobre violência doméstica e sexual, desenvolvido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, entre 2005 e 2006 (Saavedra, 2010).

Nos estudos anteriores (incluindo o da investigadora Maria Saavedra em 2010) alguns dos itens de violência sexual, violência física e comportamento ameaçador revelaram-se pouco discriminativos. Por esta razão, foram seguidas as indicações da análise realizada pelos autores da escala, os itens de violência física (itens: 8, 25, 30 e 34) e de violência sexual (itens: 2, 13, 15, 19) foram combinados e somados numa categoria de “violência severa”. Os itens relativos aos comportamentos de ameaça (itens: 5, 29, 31 e 32) foram combinados e somados numa categoria designada por “comportamento ameaçador”. No que concerne ao abuso emocional (itens: 9, 12, 17, 24, 28 e 32) ou relacional (itens: 3, 20, 21 e 35) também alguns itens pontuavam baixo no polo extremo de vitimação ou perpetração (“seis ou mais vezes”). Contudo a percentagem total da frequência dos itens (obtida somando as opções “raramente”, “às vezes” e “frequentemente”) justificou a manutenção dos itens (Saavedra, 2010).

O valor da consistência interna do inventário, avaliado pelo alpha de Cronbach, foi de 0.90 (valor igualmente obtido no estudo português de Saavedra) e, diferenciando cada uma das escalas/dimensões avaliadas – comportamento do próprio e comportamento do outro – este valor é, respetivamente, de 0.82 e 0.87 (0.82 e 0.81 no estudo em comparação). Trata-se, portanto de um instrumento com um elevado nível de consistência interna.

Na *Escala de Comportamentos do Próprio*, no que respeita ao fator 1 (estratégias de resolução de conflito abusivas) a consistência interna, obtida através do valor *alpha* de Cronbach é de 0.87, enquanto no fator 2 (estratégias de resolução de conflitos não abusivas/ positivas) o valor *alpha* de Cronbach é de 0.69 (respetivamente, 0.81 e 0.76 no estudo em comparação). Deste modo, uma vez que o *alpha* de Cronbach do fator 2 se apresenta inferior a .70, este fator não foi considerado, não tendo sido avaliadas as estratégias de resolução de conflitos positivas do próprio (participante).

Na *Escala Comportamentos do Outro* a consistência interna no fator 1 (estratégias abusivas) obtida através do valor *alpha* de Cronbach é de 0.86. No fator 2 (estratégias não abusivas/ positivas) o valor *alpha* de Cronbach é de 0.67 (respetivamente, 0.82 e 0.76 no estudo em comparação). Em semelhança ao ocorrido na escala descrita acima, também o fator 2 foi retirado, pois apresenta um *alpha* de Cronbach inferior a .70.

## **Procedimento**

Tendo em conta os aspetos éticos que presidem a qualquer investigação, após a seleção dos instrumentos de recolha de dados, os respetivos autores foram contactados no sentido de lhes ser solicitada autorização para a utilização desses mesmos instrumentos de avaliação.

Foram efetuadas as adaptações necessárias dos conteúdos dos instrumentos, adaptando-os aos participantes e realidade que se pretendia estudada. Foi também elaborado um questionário sociodemográfico que pretendia recolher informação acerca de dados mais específicos dos participantes e realizar um controle estatístico de algum atributo que possa interferir diretamente nos resultados, complementando também os instrumentos de recolha de dados já existentes.

Após a realização de um questionário sociodemográfico e das adaptações dos instrumentos que se pretendiam utilizados, foi feito um teste piloto num grupo de 10 jovens para testar a bateria de instrumentos de recolha de dados. Uma vez que não foi necessário proceder a alterações na bateria de instrumentos, esta foi publicada *online* (através do Google Docs e hiperligação criada por este), bem como foi feita a sua divulgação durante, aproximadamente, três meses, através de Associações de Estudantes de escolas e institutos de ensino secundário e universitário, de redes sociais e de endereços eletrónicos, havendo indicação de quem poderia preencher tais instrumentos.

Optou-se por este método de divulgação da investigação uma vez que muitos adolescentes e jovens têm acesso à internet e se encontram inscritos em redes sociais,

assim o processo de recolha de dados era facilitado, patrocinando a maior divulgação, adesão e acesso a esta população.

Deste modo, o grupo de participantes foi constituído recorrendo ao método de amostragem por conveniência, na medida em que a amostra em estudo não foi formada na base de todos os sujeitos disponíveis e, como tal, não está garantida a representatividade da mesma (Almeida & Freire, 2007).

Aos participantes foram dadas instruções que informavam da forma correta de preenchimento dos questionários, do objetivo da sua administração, do anonimato de que se reveste o mesmo, da necessidade de serem rigorosos e verdadeiros na sua resolução, da importância da colaboração, bem como do facto de poderem desistir do seu preenchimento a qualquer momento. Aos participantes foi, ainda, dada a informação de um e-mail para o qual poderiam pedir informações ou expor dúvidas e questões que, eventualmente, pudessem surgir.

A recolha de dados decorreu do mês de Março a Julho de 2013, num total de quatro meses.

Após a recolha de informação através dos instrumentos, as respostas foram introduzidas numa base de dados, sendo posteriormente analisadas através do programa Statistical Package for the Social Sciences – versão 20.

## **Resultados**

Neste capítulo apresentam-se os resultados obtidos objetivando a caracterização da violência nas relações de namoro, em geral avaliando a ocorrência dos vários tipos de abuso nestas relações, e em particular a caracterização da vitimação por stalking em adolescentes e jovens da população portuguesa.

Assim, são apresentados os resultados que se distinguem em duas partes: a primeira destinada à análise da ocorrência dos vários tipos de abusos no âmbito das relações de namoro, incluindo o stalking, bem como à análise do perfil da vítima e do/a stalker; e a segunda parte destinada à caracterização do stalking, incluindo a análise das dinâmicas e cenários, impacto na vítima e respostas da vitimação.

### **Prevalência de Vitimação**

Em baixo apresentam-se os resultados relativos aos vários tipos de violência presentes nas relações de namoro, destacando-se a prevalência da vitimação por stalking dos participantes autodefinidos como vítimas e dessa mesma prevalência consoante os

critérios associados ao stalking, e a análise de ocorrência deste tipo de vitimação com as restantes.

**Prevalência da vitimação por stalking.**

Na amostra em estudo que conta com um total de 541 participantes, 34.9% (n= 198) dos indivíduos relataram terem sido alvos, em algum momento da sua vida, de comportamentos de stalking por parte da díade amorosa. Destes, 14.8% (n=28) continuariam a ser vítimas no presente. Por outro lado, nos casos em que as vítimas consideraram que os comportamentos de stalking tinham terminado, em 28.6% (n= 46) dos casos o assédio persistente teve lugar durante os últimos 12 meses e em 71.4% (n=115) dos casos a vitimação ocorreu há mais de um ano (cf. Tabela 3).

Tabela 3.

*Prevalência da Vitimação por Stalking*

		Frequência (N)	Percentage m (%)
Vitimação por Stalking ao longo da vida	Não	352	65.1
	Sim	189	34.9
	Total	541	100
Vitimação por stalking atual	Não	161	85.2
	Sim	28	14.8
	Total	189	100
Vitimação por stalking no passado	Durante o último ano	46	28.6
	Há mais de um ano	115	71.4
	Total	161	100

No que respeita ao sexo das vítimas de stalking no âmbito das relações de namoro, 72.5% (n=137) eram do sexo feminino e 27.5% (n=52) eram do masculino, observando-se assim que as mulheres relatam com mais frequência serem vítimas de stalking do que os homens.

**Prevalência do stalking consoante os critérios.**

Tendo em conta a definição de stalking considerada nesta investigação e pelos autores do instrumento que avalia esta forma de vitimação, foi necessário atender ao

impacto da definição de stalking e dos critérios subjacentes no que concerne à prevalência.

Neste sentido foram analisados os seguintes critérios: (1) repetição – relato de pelo menos dois comportamentos; (2) efeito medo – relato de “pouco” ou “algum” medo; e (3) persistência – relato de duração superior a duas semanas.

De um modo geral, a análise comparativa permitiu concluir que a prevalência por stalking decresce na consequência da aplicação dos vários critérios. A diminuição mais significativa ocorreu quando se aplicaram os critérios de forma conjunta, nomeadamente de 34.9% para 24.4% na amostra total, de 36.2% para 27.2% na amostra feminina e de 31.9% para 17.8% na amostra masculina (cf. Tabela 4).

Tabela 4.

*Prevalência da Vitimação por Stalking em Função de Diferentes Critérios*

	Autodefinição		Repetição		Efeito medo		Persistência		Todos os anteriores	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Total	198	34.9	161	29.8	152	28.1	176	32.5	132	24.4
Sexo Feminino	137	36.2							103	27.2
Sexo Masculino	52	31.9							29	17.8

Uma análise detalhada do número de critérios preenchidos pelos participantes que se autodefiniram como vítimas permitiu constatar que 69.8% (n= 132) dos casos (a maioria) reunia os três critérios. Na amostra feminina também a maioria das participantes (75.2%) reunia os três critérios, embora na amostra masculina este valor fosse inferior (55.8%) (cf. Tabela 5).

Importa referir que dos 198 participantes que se autodefiniram como como vítimas, apenas cinco (2.6%) não preencheram nenhum dos restantes critérios, sendo desses 198 participantes 3 eram do sexo feminino (2.2% na amostra feminina) e 2 do sexo masculino (3.8% na amostra masculina) (cf. Tabela 5).

É, ainda, de referir que 5.8% dos 198 participantes (5.8% na amostra feminina e 5.8% na amostra masculina) preenchia apenas um critério, 21.7% (16.8% na amostra

feminina e 34.6% na amostra masculina) preenchia dois critérios e a maioria, 69.8% preenchia todos os critérios (75.2% na amostra feminina e 55.8% na amostra masculina) (cf. Tabela 5).

Tabela 5.

*Número de Critérios Preenchidos pelos Participantes Autodefinidos como Vítimas*

	Total		Sexo Feminino		Sexo Masculino	
	N	%	N	%	N	%
Nenhum dos restantes critérios	5	2.6	3	2.2	2	3.8
Um dos critérios	11	5.8	8	5.8	3	5.8
Dois dos critérios	41	21.7	23	16.8	18	34.6
Todos os restantes critérios	132	69.8	103	75.2	29	55.8
Total	189	100	137	100	52	100

### **Prevalência de vitimação dos vários tipos de abuso.**

Após ser verificada a prevalência de vitimação por stalking, importa analisar a prevalência dos restantes tipos de violência.

Observou-se que, os participantes que refeririam ser vítimas de stalking no âmbito das suas relações de namoro (n=189) apontaram mais frequentemente serem também vítimas de violência emocional (M=1.49; DP=.780) e de violência relacional (M=.83; DP=.803), tendo relatado com menor frequência serem vítimas de violência severa que inclui a física e a sexual (M=.40; DP=.483). De um modo geral, as vítimas relataram que o/a seu/sua parceiro/a utiliza frequentemente estratégias abusivas para a resolução dos conflitos (M=1.33; DP=.667).

Por outro lado, também algumas vítimas parecem utilizar estratégias abusivas de resolução de conflitos com o/a parceiro/a (M=.75; DP=.48), embora que esta prática seja menos frequente nas vítimas do que nos stakers. As vítimas parecem utilizar violência contra o/a parceiro/a, sendo que os tipos de violência que praticam mais frequentemente são o emocional (M=1.06; DP=.692) e o comportamento ameaçador (M=.50; DP=.444) (cf. Tabela 6).

Tabela 6.

*Tipos Violência – Escala de Comportamentos do Outro e do Próprio*

	Comportamentos do Outro		Comportamentos do Próprio		Mínimo	Máximo
	M	DP	M	DP		
Estratégias Abusivas	1.33	.67	.75	.48	0	3
Violência Sexual	.40	.54	.14	.32	0	3
Violência Física	.39	.65	.18	.37	0	3
Violência Severa	.40	.48	.16	.24	0	3
Violência Emocional	1.49	.78	1.06	.69	0	3
Comportamento Ameaçador	.81	.76	.50	.44	0	3
Violência Relacional	.83	.80	.14	.32	0	3

Fazendo uma análise dos vários tipos de violência e das estratégias utilizadas para a resolução de conflitos em função do sexo praticante, isto é, a *Escala de Comportamentos do Próprio* foi analisada em função do sexo do participante e a *Escala de Comportamentos do Outro* foi analisada em função do sexo do stalker.

No que respeita à violência praticada pelo participante do estudo (autodefinido como vítima de stalking) foram encontradas diferenças significativas entre o sexo feminino e masculino na violência física ( $t(187)= 2.28, p=0.023$ ) e na violência emocional ( $t(186)= 2.016, p=.045$ ), sendo que as mulheres vítimas de stalking utilizam mais a violência física ( $M=.21; DP=.41$  vs.  $M=.07; DP=.18$ ) e a violência emocional ( $M=1.11; DP=.71$  vs.  $M=.89; DP=.60$ ) em comparação com os homens (cf. Tabela 7).

Tabela 7.

*Escala de Comportamentos do Próprio em Função do Sexo do Participante*

	Sexo do Participante	N	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Violência Física	Feminino	137	.21	.41	2.287	.023
	Masculino	52	.07	.18		
Violência Emocional	Feminino	137	1.11	.71	2.016	.045
	Masculino	51	.89	.60		

No que respeita à violência praticada pelo stalker não foram encontradas diferenças significativas em relação a cada tipo de violência em função do sexo do praticante (o/a stalker) (Anexo E).

### Dinâmicas e Cenários do Stalking

Nesta secção serão apresentados os resultados sobre as dinâmicas e os cenários de vitimação por stalking, nomeadamente: o número de stalkers ao longo da vida e, de seguida e focando apenas na experiência mais significativa, o sexo do stalker, os comportamentos de stalking, a frequência e duração da experiência de vitimação. Além disso, são também analisadas associações pertinentes entre as variáveis. Importa referir que estes resultados representam os participantes que se autodefiniram como vítimas de stalking (n= 198).

#### Ocorrências da vitimação por stalking - experiência singular ou múltipla.

No que respeita à singularidade da experiência de ser vítima de stalking, 74.1% dos participantes (n= 140) relataram ter sido alvo de stalking, ao longo da vida, por apenas uma pessoa. Os restantes 25.9% (n= 49) relataram ter sido alvo de vitimação múltipla (cf. Tabela 8).

Quando avaliada a vitimação por mais de um stalker (vitimação múltipla), verificou-se que, apesar de ambos os sexos relatarem na sua maioria vitimação por apenas um stalker (vitimação singular), dentro do grupo sexo são os homens que mais passam por uma experiência múltipla (homens: 40.4%, n= 21; mulheres: 20.4%, n= 28), mostrando-se esta diferença significativa ( $\chi^2(1)= 7.809, p=.005$ ) (cf. Tabela 8).

Verificou-se ainda que os homens relataram ser vítimas de um número superior de stalkers (nomeadamente: M=1.60 vs. M=1.30), sendo que as diferenças foram significativas ( $t(187)= -2.502, p=.013$ ).

Tabela 8.

*Número de Stalkers por Vítima*

	Total		Sexo Feminino		Sexo Masculino	
	N	%	N	%	N	%
Um	140	74.1	109	79.6	31	59.6
Dois	31	16.4	17	12.4	14	26.9
Três	14	7.4	9	6.6	5	9.6

Tabela 8.

*Número de Stalkers por Vítima (continuação)*

	Total		Sexo Feminino		Sexo Masculino	
	N	%	N	%	N	%
Quatro	3	1.6	2	1.5	1	1.9
Cinco	1	.5	0	.0	1	1.9
Total	189	100	137	100	52	100

**Sexo do stalker.**

Os resultados revelaram que o stalker era maioritariamente masculino, sendo que 70.4% (n= 133) seriam do sexo masculino e 29.6% do sexo feminino (n= 56).

Considerando a distribuição do sexo do/a stalker em função do sexo da vítima, constatou-se que quando as vítimas eram homens o stalker era sempre uma mulher; já as mulheres eram sobretudo vítimas por stalkers masculinos (97.1%) ( $\chi^2(1) = 170.376$ ,  $p = .000$ ), isto é, apenas em quatro casos (2.9%) o stalker e a vítima eram do mesmo sexo sendo que em todos estes casos vítima e stalker eram do sexo feminino.

**Momento da ocorrência do stalking na relação de namoro - cenários de ocorrência.**

No que respeita a cada momento da relação em que ocorreu o stalking, verificou-se que depois de terminada a relação ocorreram 67.7% (n= 128) dos casos de stalking. Durante a relação o stalking ocorreu em 54.5% (n= 103) dos casos. De salientar ainda o facto de 9.5% dos participantes (n= 18) ter relatado ser vítima de stalking antes do início da relação.

Após ser analisado cada momento individualmente, foram verificados os casos, em conjunto com os anteriores, em que o stalking ocorreu em mais de um momento da relação. Os resultados revelaram que o stalking ocorre maioritariamente depois da relação de namoro terminar (39.2%), seguidamente ocorre com maior frequência durante a relação de namoro (26.5%) e em seguida nos momentos durante e depois da relação terminada (24.9%). Como menor frequência o stalking ocorre antes da relação simultaneamente antes e durante a relação (0.5%) e nos momentos antes iniciada e depois de terminada a relação (1.1%) (cf. Tabela 9).

Tabela 9.

*Momento da Relação de Namoro de Ocorrência do Stalking*

	Total		Sexo vítima				Sexo stalker			
			Feminino		Masculino		Feminino		Masculino	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Depois	74	39.2	58	42.3	16	30.8	17	30.4	57	42.9
Durante	50	26.5	30	21.9	20	38.5	21	37.5	29	21.8
Durante e depois	47	24.9	39	28.5	8	15.4	10	17.9	37	27.8
Antes	10	5.3	4	2.9	6	11.5	6	10.7	4	3.0
Antes, durante e depois	5	2.6	4	2.9	1	1.9	1	1.8	4	3.0
Antes e depois	2	1.1	2	1.5	0	.0	0	.0	2	1.5
Antes e durante	1	.5	0	.0	1	1.9	1	1.8	0	.0
Total	189	100	137	100	52	100	56	100	133	100

**Forma de manifestar o interesse – comportamentos.**

De um modo geral o/a stalker manifestou o seu interesse através de uma vasta panóplia de comportamentos. Entre estes destacaram-se as seguintes categorias: tentativas de contacto indesejado (85.7%), aparecimento em locais habitualmente frequentados pela vítima (55.6%) e ameaças de fazer mal a si próprio (42.3%). Por outro lado, agredir ou prejudicar pessoas próximas da vítima foi o comportamento menos relatado (5.3%). A presença de agressão física e/ou sexual foi um resultado particularmente agravante, ocorrendo em 15.9% dos casos da amostra.

Das vítimas mulheres verificou-se que os comportamentos mais relatados foram as tentativas de contacto (90.5%), o aparecimento em locais habitualmente frequentados pela vítima (58.4%) e a vigilância por parte do/a stalker ou de alguém a seu pedido (14.6%). A vitimação nos homens ocorreu sobretudo sob a forma de tentativa de contacto (73.1%), do aparecimento em locais habitualmente frequentados pela vítima e das ameaças de fazer mal a si próprio (ambas com 48.1%) (cf. Tabela 10).

Uma análise comparativa da ocorrência de comportamentos em função do sexo das vítimas permitiu concluir que genericamente não existia uma associação entre as variáveis. A esta tendência são exceção dois comportamentos: “tentar entrar em contacto (e.g. através de cartas, bilhetes, e-mails, ou telefonemas indesejados)” foi uma experiência mais comum entre as mulheres ( $\chi^2(1) = 9.356$ ;  $p=0.002$ ) e “vasculhar,

roubar ou apoderar-se de objetos pessoais” foi um comportamento de vitimação mais frequente entre os homens ( $\chi^2(1)= 4.475$ ;  $p=.034$ ) (cf. Tabela 10).

As vítimas foram alvo, em média, de 3.53 comportamentos de stalking (DP= 1.844, mín.=1; máx.=11).

Não foram encontradas diferenças entre homens e mulheres ao nível do total de comportamentos reportados ( $t(8)= 6.537$ ,  $p=.587$ ).

Foi também feita uma análise dos comportamentos de stalking em função do sexo do/a stalker verificou-se que quando o stalker era do sexo feminino predominavam ações como “vasculhar, roubar ou apoderar-se de objetos pessoais” (43.3%), “invadir a propriedade ou forçar a entrada em casa” (35.3%), “ameaçar fazer mal a si próprio” (32.5%) e “filmar ou tirar fotografias sem consentimento” (32.3%).

Nos casos em que o stalker era do sexo masculino encetou com maior frequência comportamentos como “agredir ou prejudicar pessoas próximas da vítima” (90%), “ameaçar ou ameaçar pessoas próximas da vítima” (77.2%) e “perseguir a vítima” (74.6%) (cf. Tabela 10).

Apesar disto, apenas se verificou uma associação significativa entre o sexo do/a stalker e o comportamento “tentar entrar em contacto (e.g. através de cartas, bilhetes, e-mails, ou telefonemas indesejados)”, que foi encetado sobretudo por stalker do sexo masculino ( $\chi^2(1)= 7.460$ ;  $p=.006$ ).

Tabela 10.

*Comportamentos de Vitimação por Stalking e em Função do Sexo da Vítima e do/a Stalker*

	Total		Sexo vítima		Sexo stalker	
			Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
	(N=189)	(N=137)	(N=52)	(N=56)	(N=133)	
	N	%	%	%	%	
Tentar entrar em contacto (e.g. através de cartas, bilhetes, e-mails, ou telefonemas indesejados)	162	85.7	90.5	73.1	25.9	74.1

Tabela 10.

*Comportamentos de Vitimação por Stalking e em Função do Sexo da Vítima e do/a Stalker (continuação)*

	Total (N=189)		Sexo vítima		Sexo stalker	
			Feminino (N=137)	Masculino (N=52)	Feminino (N=56)	Masculino (N=133)
	N	%	%	%	%	%
Aparecer em locais habitualmente frequentados pela vítima	105	55.6	58.4	48.1	25.7	74.3
Ameaçar fazer mal a si próprio	80	42.3	40.1	48.1	32.5	67.5
Vigiar ou pedir a alguém para vigiar	75	39.7	41.6	34.6	26.7	73.3
Ser perseguido	71	37.6	40.1	30.8	25.4	74.6
Ameaçar ou ameaçar pessoas próximas	57	30.2	33.6	21.2	22.8	77.2
Filmar ou tirar fotografias de forma não autorizada	31	16.4	15.3	19.2	32.3	67.7
Agredir física ou sexualmente a vítima	30	15.9	16.8	13.5	29.6	70.4
Vasculhar, roubar ou apoderar-se de objetos pessoais	30	15.9	12.4	25.0	43.3	56.7
Invadir a propriedade ou forçar a entrada em casa	17	9.0	8.0	11.5	35.3	64.7
Agredir ou prejudicar pessoas próximas	10	5.3	6.6	1.9	10	90.0

**Comportamentos de stalking em função do momento da ocorrência.**

Foi explorada a associação entre os comportamentos encetados e o momento da relação de namoro em que ocorreram. Neste sentido verificou-se a existência de uma associação significativa em alguns comportamentos, sendo eles: “tentar entrar em contacto” ( $\chi^2(6)= 22.057$ ;  $p=.001$ ); “aparecer em locais habitualmente frequentados pela vítima” ( $\chi^2(6)= 13.424$ ;  $p=.037$ ); “ameaçar fazer mal a si próprio” ( $\chi^2(6)= 14.820$ ;  $p=.022$ ); e “invadir a propriedade ou forçar a entrada em casa” ( $\chi^2(6)= 17.038$ ;  $p=.009$ ). Os comportamentos ocorreram sobretudo após o término da relação (respetivamente: 42.0%, 42.9%, 33.8% e 29.4%) ou durante e após o término da relação (respetivamente: 27.2%, 24.8%, 37.5% e 35.3%) (cf. Tabela 11).

Tabela 11.

*Comportamentos de Vitimação em Função do Momento de Ocorrência na Relação de Namoro*

	Antes	Durante	Depois	Antes e durante	Antes e depois	Durante e depois	Antes, durante e depois
	%	%	%	%	%	%	%
Tentar entrar em contacto	5.6	20.4	42.0	0.6	1.2	27.2	3.1
Aparecer em locais habitualmente frequentados pela vítima	8.6	19.0	42.9	.0	1.9	24.8	2.9
Ameaçar fazer mal a si próprio	3.8	21.2	33.8	.0	.0	37.5	3.8
Vigiar ou pedir a alguém para vigiar	2.7	18.7	42.7	.0	2.7	32.0	1.3
Ser perseguido	4.2	15.5	42.3	.0	1.4	32.4	4.2
Ameaçar ou ameaçar pessoas próximas	3.5	24.6	31.6	1.8	1.8	33.9	3.5

Tabela 11.

*Comportamentos de Vitimação em Função do Momento de Ocorrência na Relação de Namoro (continuação)*

	Antes	Durante	Depois	Antes e durante	Antes e depois	Durante e depois	Antes, durante e depois
	%	%	%	%	%	%	%
Filmar ou tirar fotografias de forma não autorizada	3.2	38.7	35.5	.0	3.2	16.1	3.2
Agredir física ou sexualmente a vítima	3.3	36.7	23.3	.0	.0	36.7	.0
Vasculhar, roubar ou apoderar-se de objetos pessoais	6.7	46.7	33.3	.0	.0	10.0	3.3
Invadir a propriedade ou forçar a entrada em casa	.0	23.5	29.4	5.9	5.9	35.3	.0
Agredir ou prejudicar pessoas próximas	10.0	10.0	40.0	.0	.0	40.0	.0

***Frequência dos comportamentos de stalking.***

A maioria das vítimas referiu que o stalking ocorria diariamente (49.2%) ou semanalmente (38.1%). Mais especificamente, quando a vítima é do sexo feminino a categoria mais frequente foi “diariamente” (51.1%), enquanto nos homens os comportamentos ocorriam sobretudo “semanalmente” (46.2%) (cf. Tabela 12).

Tabela 12.

*Frequência dos Comportamentos de Stalking em Função do Sexo do Participante*

	Sexo Participante			
	Total (N=189)	Feminino (N=137)		Masculino (N=57)
		N	%	%
Diariamente	93	49.2	51.1	44.2
Semanalmente	72	38.1	35.0	46.2
Mensalmente	14	7.4	8.8	3.8
Menos de uma vez por mês	10	5.3	5.1	5.8

Quando se analisaram os diferentes comportamentos e a respectiva frequência, verificou-se que cinco dos 11 comportamentos estudados eram significativamente associados com a respectiva frequência, sendo eles: “tentar entrar em contacto” ( $\chi^2(3)=10.434$ ;  $p=.015$ ); “aparecer em locais habitualmente frequentados pela vítima” ( $\chi^2(3)=12.101$ ;  $p=.007$ ); “ameaçar fazer mal a si próprio” ( $\chi^2(3)=10.185$ ;  $p=.017$ ); “vigiar ou pedir a alguém para vigiar” ( $\chi^2(3)=10.086$ ;  $p=.018$ ); e “ser perseguido” ( $\chi^2(3)=15.834$ ;  $p=.001$ ). Tais comportamentos ocorriam com maior frequência diariamente (respectivamente: 53.1%, 54.3%, 60.0%, 61.3% e 64.8%) e com menor frequência menos de uma vez por mês (respectivamente: 3.7%, 1.0%, 2.5%, 1.3% e .0%) (cf. Tabela 13).

Tabela 13.

*Frequência dos Comportamentos de Stalking*

	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Menos de uma vez por mês	Total
	%	%	%	%	%
Tentar entrar em contacto	53.1	35.8	7.4	3.7	100

Tabela 13.

*Frequência dos Comportamentos de Stalking (continuação)*

	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Menos de uma vez por mês	Total
	%	%	%	%	%
Aparecer em locais habitualmente frequentados pela vítima	54.3	40.0	4.8	1.0	100
Ameaçar fazer mal a si próprio	60.0	35.0	2.5	2.5	100
Vigiar ou pedir a alguém para vigiar	61.3	33.3	4.0	1.3	100
Ser perseguido	64.8	32.4	2.8	.0	100
Ameaçar ou ameaçar pessoas próximas	59.6	28.1	7.0	5.3	100
Filmar ou tirar fotografias de forma não autorizada	48.4	38.7	9.7	3.2	100
Agredir física ou sexualmente a vítima	46.7	36.7	6.7	10.0	100
Vasculhar, roubar ou apoderar-se de objetos pessoais	60.0	30.0	3.3	6.7	100
Agredir ou prejudicar pessoas próximas	50.0	40.0	.0	10.0	100

Importa referir que não se verificou existir uma associação entre o sexo do/a stalker e a frequência dos comportamentos ( $\chi^2(3)= 1.051$ ;  $p=.789$ ).

### **Duração da vitimação por stalking.**

Quando foi analisada a duração do assédio persistente, a maioria das vítimas referiu que o stalking se prolongou entre um a seis meses (inclusive) (33.3%) e de seis a 12 meses (inclusive) (22.2%). Por outro lado o stalking ocorria menos frequentemente durante menos de duas semanas (6.9%). De salientar que para 13.2% dos participantes a situação de manteve durante mais de dois anos, havendo mais casos de vitimação com uma duração de mais de dois anos do que com menos de 2 semanas de duração (6.9% vs. 13.2%) (cf. Tabela 14).

Os resultados evidenciaram que existiam diferenças estatisticamente significativas na duração da experiência em função do sexo da vítima ( $\chi^2(5)= 11.434$ ;  $p=.043$ ).

Não se verificaram diferenças ao nível da duração das experiências atendendo ao sexo do/a stalker ( $\chi^2(5)= 10.632$ ;  $p=.059$ ).

Tabela 14.

#### *Duração do Stalking*

	Sexo Participante					
	Total		Feminino		Masculino	
	N	%	N	%	N	%
Menos de 2 semanas	13	6.9	7	5.1	6	11.5
De 2 semanas a 1 mês (inclusive)	23	12.2	14	10.2	9	17.3
De 1 a 6 meses (inclusive)	63	33.3	41	29.9	22	42.3
De 6 a 12 meses (inclusive)	42	22.2	35	25.5	7	13.5
De 1 a 2 anos (inclusive)	23	12.2	18	13.1	5	9.6
Mais de 2 anos	25	13.2	22	16.1	3	13.2
Total	189	100	137	100	52	100

Quando se procurou analisar a ocorrência dos comportamentos em função da duração, verificou-se que apenas um comportamento se mostrou associado a um padrão de duração, sendo referente ao comportamento "vigiar ou pedir a alguém para vigiar" ( $\chi^2(5)= 17.138$ ;  $p=.004$ ). Este comportamento surgiu mais frequentemente de seis a 12

meses (inclusive) (32.0%) e com menos frequência quando o comportamento ocorria com a duração de menos de duas semanas (4.0%) (cf. Tabela 15).

Tabela 15.

*Duração dos Comportamentos de Stalking*

	Menos de 2 semanas	De 2 semanas a 1 mês	De 1 a 6 meses	De 6 a 12 meses	De 1 a 2 anos	Mais de 2 anos	Total
	%	%	%	%	%	%	%
Tentar entrar em contacto	5.6	13.0	30.9	24.7	11.7	14.2	100
Aparecer em locais habitualmente frequentados pela vítima	1.9	13.3	35.2	23.8	11.4	14.3	100
Ameaçar fazer mal a si próprio	2.5	12.5	37.5	28.7	10.0	8.8	100
Vigiar ou pedir a alguém para vigiar	4.0	5.3	28.0	32.0	18.7	12.0	100
Ser perseguido	4.2	16.9	31.0	25.4	5.6	16.9	100
Ameaçar ou ameaçar pessoas próximas	5.3	12.3	31.6	29.8	10.5	10.5	100
Filmar ou tirar fotografias de forma não autorizada	9.7	6.5	38.7	12.9	9.7	22.6	100
Agredir física ou sexualmente a vítima	10.0	16.7	30.0	10.0	20.0	13.3	100

Tabela 15

*Duração dos Comportamentos de Stalking (continuação)*

	Menos de 2 semanas	De 2 semanas a 1 mês	De 1 a 6 meses	De 6 a 12 meses	De 1 a 2 anos	Mais de 2 anos	Total
	%	%	%	%	%	%	%
Vasculhar, roubar ou apoderar-se de objetos pessoais	10.0	13.3	30.0	10.0	23.3	13.3	100
Invadir a propriedade ou forçar a entrada em casa	17.6	5.9	35.3	5.9	17.6	17.6	100
Agredir ou prejudicar pessoas próximas	10.0	10.0	30.0	20.0	20.0	10.0	100

**Impacto da Vitimação por Stalking**

Seguidamente são apresentados os resultados sobre o impacto do stalking nas vítimas, bem como o grau de medo decorrente dessa experiência.

**Áreas afetadas.**

Na amostra total de vitimação, a saúde psicológica e as relações de intimidade foram as áreas mais frequentemente avaliadas como tendo sofrido “muito” ou “muitíssimo” impacto, sendo que 58.7% e 50.7% dos participantes afirmaram que a vitimação teve “muito” ou “muitíssimo” impacto na saúde psicológica e nas relações de intimidade. Não obstante, entre 20 a 45% das vítimas relataram ter experienciado também “muito” ou “muitíssimo” impacto ao nível das relações com os outros (41.3%), dos estilos de vida/ comportamentos (39.7%), da saúde física (23.8%) e do desempenho profissional/ académico (23.3%).

Por outro lado, menos afetadas foram as áreas da economia/finanças, desempenho profissional/ académico e da saúde física. Mais especificamente, os participantes referiram não ter sofrido “nenhum”, “quase nenhum” ou “pouco” impacto na economia/

finanças (96.8%), no desempenho profissional/ acadêmico (76.7%) e na saúde física (76.2%) (cf. Tabela 16).

Analisando os resultados em função do sexo das vítimas, constatou-se que ambos os sexos convergiam nas áreas como menos afetadas (isto é, “nenhum”, “quase nenhum” e “pouco” impacto), nomeadamente economia/ finanças (mulheres: 97.8%; homens: 94.2%), desempenho profissional/ acadêmico, embora esteja mais afetada nos homens (75.2% vs. 80.8%) e saúde física (mulheres: 75.9%; homens: 76.9%).

Tendo em consideração a frequência acumulada das categorias “muito” e “muitíssimo” impacto, verificou-se também uma convergência entre os sexos, sendo que as principais áreas apontadas por vítimas do sexo feminino e masculino como afetadas foram a saúde psicológica (mulheres: 60.6%; homens: 53.9%), as relações de intimidade (mulheres: 53.3%; homens: 44.2%) e as relações com os outros (mulheres: 41.6%; 40.4%) (cf. Tabela 16).

Apesar disto, apenas se verificou existirem diferenças na distribuição das frequências tendo presente a variável sexo (da vítima/ participante) ao nível do económico/ financeiro ( $\chi^2(4)= 14.820$ ;  $p=.005$ ).

Tabela 16.

*Impacto da Vitimação por Stalking nas Diferentes Áreas da Vida*

		Não afetou	Quase nada	Um pouco	Muito	Muitíssimo	Total		
		%	%	%	%	%	%		
Desempenho profissional / académico	Total	23.8	15.3	37.6	17.5	5.8	100		
	Feminino	21.2	14.6	39.4	18.2	6.6	100		
	Masculino	30.8	17.3	32.7	15.4	3.8	100		
		Total		27.5	19.6	29.1	19.0	4.8	100
Saúde física	Feminino	27.0	17.5	31.4	19.7	4.4	100		
	Masculino	28.8	25.0	23.1	17.3	5.8	100		
			Total		6.3	10.1	24.9	37.0	21.7
Saúde psicológica	Feminino	8.8	9.5	21.2	36.5	24.1	100		
	Masculino	.0	11.5	34.6	38.5	15.4	100		

Tabela 16.

*Impacto da Vitimação por Stalking nas Diferentes Áreas da Vida (continuação)*

		Não afetou	Quase nada	Um pouco	Muito	Muitíssimo	Total
		%	%	%	%	%	%
Relações com os outros	Total	18.0	19.6	21.2	26.5	14.8	100
	Feminino	17.5	19.0	21.9	27.7	13.9	100
	Masculino	19.2	21.2	19.2	23.1	17.3	100
Relações de intimidade	Total	12.2	15.9	21.2	31.7	19.0	100
	Feminino	13.9	12.4	20.4	34.3	19.0	100
	Masculino	7.7	25.0	23.1	25.0	19.2	100
Economia/ finanças	Total	74.6	16.9	5.3	1.6	1.6	100
	Feminino	79.6	14.6	3.6	2.2	.0	100
	Masculino	61.5	23.1	9.6	.0	5.8	100
Estilos de vida/ comportamento	Total	13.8	19.0	27.5	19.6	20.1	100
	Feminino	13.9	16.1	29.9	19.7	20.4	100
	Masculino	13.5	19.0	27.5	19.6	20.1	100

Na sua maioria, as vítimas relataram que os comportamentos de stalking as afetaram em determinada área da sua vida, sendo que, em média, os participantes referiram ter sido afetados em cinco áreas das sete analisadas ( $M=5.23$ ;  $DP= 1.66$ , mín.= 0, máx.= 7). Por outro lado, das 189 vítimas, apenas 2.1% não assinalou qualquer impacto.

Não se verificou existirem diferenças em função do sexo da vítima do total de áreas de impacto ( $t(187)= -.747$ ,  $p=.456$ ).

### **Grau de medo gerado pelas experiências de stalking.**

Quando questionados acerca do grau de medo decorrente da experiência de vitimação, 59.3% dos participantes admitiu ter ficado um pouco assustado e 21.2% muito assustado com a experiência. Por outro lado, e com uma frequência mais reduzida, apenas 19.6% dos participantes relataram não terem ficado assustados com a situação.

Quando se analisou o grau de medo em função do sexo da vítima, foi notória a diferença ao nível da categoria “muito assustado/a”, a qual foi referida por 26.3% das mulheres comparativamente a 7.7% dos homens. Também foi observada alguma discrepância na categoria “nada assustado/a”, em que 16.1% das mulheres referiram não ter tido qualquer medo comparativamente com 28.8% dos homens, relatando estes últimos menos medo (cf. Tabela 17).

Em suma, 84% das vítimas do sexo feminino e 71.2% das vítimas do sexo masculino relataram ter sentido “pouco ou muito medo”. Aquando analisado o medo sentido pela vítima em função do seu sexo, verificou-se que as diferenças na distribuição das frequências tendo presente a variável sexo é significativa ( $\chi^2(2)= 9.514$ ;  $p=.009$ ), sendo que as vítimas do sexo feminino relataram mais medo.

Quando avaliado o grau de medo em função do sexo do stalker, verificou-se que o sexo do stalker influencia o grau de medo ( $\chi^2(2)= 11.020$ ;  $p=.004$ ). Quando o stalker era do sexo feminino 71.4% das vítimas relataram ter algum tipo de medo (“um pouco” e “muito”) e quando o stalker era do sexo masculino 84.2% das vítimas relataram, ter medo. Quando se avalia o grau de medo das vítimas, verifica-se que quando se sentem “um pouco assustadas” é o stalker do sexo masculino que provoca mais medo (67.9%) e quando as vítimas se sentem “muito assustadas” é também o stalker masculino que lhes provoca mais medo (90.0%). Assim, as vítimas relataram mais medo quando o stalker era do sexo masculino (cf. Tabela 17).

Tabela 17.

*Grau de Medo Gerado pelas Experiências de Stalking*

	Total		Sexo Vítima				Sexo Stalker			
			Feminino		Feminino		Feminino		Masculino	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nada assustado(a)	37	19.6	22	16.1	15	28.8	16	28.6	21	15.8
Um pouco assustado(a)	112	59.3	79	57.7	33	63.5	36	64.3	76	57.1
Muito assustado(a)	40	21.2	36	26.3	4	7.7	4	7.1	36	27.1
Total	189	100	137	100	52	100	56	100	133	100

***Grau de medo em função dos comportamentos experienciados.***

A associação entre os comportamentos experienciados e o medo foi também analisada. Como se pode observar, “aparecer em locais habitualmente frequentados pela

vítima” (87.7%), “vigiar ou pedir a alguém para vigiar” (88%), “ser perseguido” (90.2%), “ameaçar ou ameaçar pessoas próximas” (85.9%) e “agredir ou prejudicar pessoas próximas” (100%) foram os comportamentos mais frequentemente avaliados como serem causadores de medo (isto é, “um pouco assustado/a” e “muito assustado/a”) (cf. Tabela 18).

Alguns comportamentos revelaram estar associados ao sentimento de medo, tais como “aparecer em locais habitualmente frequentados pela vítima” ( $\chi^2(2)= 9.743$ ;  $p=.008$ ), “ser perseguido” ( $\chi^2(2)= 8.263$ ;  $p=.016$ ), “ameaçar ou ameaçar pessoas próximas” ( $\chi^2(2)= 12.174$ ;  $p=.002$ ), “invadir a propriedade ou forçar a entrada em casa” ( $\chi^2(2)= 7.764$ ;  $p=.021$ ) e “agredir ou prejudicar pessoas próximas” ( $\chi^2(2)= 10.252$ ;  $p=.006$ ).

Tabela 18.

*Grau de Medo em Função dos Comportamentos de Stalking*

	Nada assustado/a	Um pouco assustado/a	Muito assustado/a	Total
	%	%	%	%
Tentar entrar em contacto	17.9	59.9	22.2	100
Aparecer em locais habitualmente frequentados pela vítima	12.4	61.0	26.7	100
Ameaçar fazer mal a si próprio	15.0	56.2	28.7	100
Vigiar ou pedir a alguém para vigiar	12.0	68.0	20.0	100
Ser perseguido	9.9	62.0	28.2	100
Ameaçar ou ameaçar pessoas próximas	14.0	49.1	36.8	100
Filmar ou tirar fotografias de forma não autorizada	16.1	54.8	29.0	100
Agredir física ou sexualmente a vítima	23.3	43.3	33.3	100
Vasculhar, roubar ou apoderar- se de objetos pessoais	20.0	46.7	33.3	100

Tabela 18.

*Grau de Medo em Função dos Comportamentos de Stalking (continuação)*

	Nada	Um pouco	Muito	Total
	assustado/a	assustado/a	assustado/a	
	%	%	%	%
Invadir a propriedade ou forçar a entrada em casa	17.6	35.3	47.1	100
Agredir ou prejudicar pessoas próximas	.0	40.0	60.0	100

Verificou-se que existiam diferenças no medo experienciado em função do total de comportamentos experienciado ( $t(150) = -2.766$ ;  $p = .006$ ), sendo que as vítimas que relataram medo experienciaram um número superior de comportamentos de stalking.

***Grau de medo em função da frequência e duração da experiência.***

Quando se tentou avaliar se a frequência e duração do stalking influenciava o grau de medo, observou-se que o grau de medo estava associado à frequência do stalking ( $\chi^2(6) = 23.618$ ;  $p = .001$ ). Assim, o teste de Jonckheere revelou uma tendência significativa nos resultados: à medida que aumentava a frequência de stalking, o medo relatado pelas vítimas também aumentava ( $J = 5398.0$ ;  $z = -4.178$ ).

Por outro lado, em relação à duração dos comportamentos, não se observaram diferenças significativas na distribuição das frequências tendo presente a variável ( $\chi^2(10) = 16.554$ ;  $p = .085$ ).

**Resposta à Vitimação**

Nesta secção apresentam-se os resultados relativos à procura de apoio, nomeadamente a ocorrência do recurso a fontes de apoio, a identificação das fontes de apoio e a avaliação da sua utilidade.

**Procura de apoio pelas vítimas.**

Do total de vítimas, apenas 49.2% ( $n = 96$ ) procuraram algum tipo de ajuda, sendo que se registou uma associação entre a procura de apoio e o sexo da vítima ( $\chi^2(1) =$

7.827;  $p=.005$ ). Mais especificamente, foram sobretudo as vítimas do sexo feminino que procuraram ajuda (55.5% vs. 32.7%) (cf. Tabela 19).

Tabela 19.

*Pedido de Ajuda pelas Vítimas de Stalking*

		Pedido de ajuda			
		Não	Sim	Total	
Sexo do Participante	Feminino	N	61	76	137
		%	44.5	55.5	100
	Masculino	N	35	17	52
		%	67.3	32.7	100
Total		N	96	93	189
		%	50.8	49.2	100

Mostrou-se também relevante perceber se as vítimas de stalking procuram apenas uma fonte de apoio ou várias. De um modo geral, as vítimas procuraram em média 2.82 fontes de apoio (DP= 1.394, mín.= 1, máx.= 7). Importa referir que 19.4% das vítimas apenas recorreram a uma fonte de apoio, 3.3% a duas e 19.4% a três (cf. Tabela 20).

Nas vítimas do sexo feminino a média de fontes de apoio foi de 2.9342 (DP= 1.247, mín.= 1, máx.= 5); nos homens a média foi de 2.3529 (DP= 1.658, mín.= 1, máx.= 7). Não se verificaram diferenças no total das fontes de apoio ativadas em função do sexo da vítima ( $t(91)= 1.367$ ;  $p=.175$ ).

Tabela 20.

*Número de Fontes Ativadas pelas Vítimas*

		N	%
Número de Fontes de Apoio Ativado	Uma	18	19.4
	Duas	31	33.3
	Três	18	19.4
	Quatro	12	12.9
	Cinco	8	8.6
	Seis	1	1.1
	Sete	5	5.4

Total	93	100
-------	----	-----

As vítimas procuraram apoio principalmente junto dos amigos (94.6%) e de familiares (74.2%). No sentido oposto, os serviços sociais ou de apoio a vítimas (14%) foi o menos ativado. Importa referir que 31.2% das vítimas recorreu ao apoio de profissionais de saúde e 22.6% de profissionais das forças de segurança (cf. Tabela 21).

Não se verificaram diferenças significativas na distribuição das frequências das fontes de apoio ativadas tendo presente a variável sexo.

Tabela 21.

*Fontes de Apoio Ativadas pelas Vítimas*

	Total (N= 93)		Sexo Participante			
			Sexo Feminino (N=76)		Sexo Masculino (N=17)	
	N	%	N	%	N	%
Famíliares	69	74.2	58	76.3	11	64.7
Amigos	88	94.6	73	96.1	15	88.2
Conhecidos	23	24.7	19	25.0	23.5	23.5
Pessoas do contexto profissional/ académico	20	21.5	19	25.0	5.9	5.9
Profissionais de saúde	29	31.2	27	35.5	2	11.8
Profissionais das forças de segurança	21	22.6	16	21.1	5	29.4
Serviços sociais ou de apoio a vítimas	13	14.0	11	14.5	2	11.8

Interessa referir que se verificaram diferenças no grau de medo em função da procura de apoio ou não ( $\chi^2(2)= 24.256$ ;  $p=.000$ ). Mais especificamente, as vítimas que procuraram ajuda relataram mais medo (cf. Tabela 22).

Tabela 22.

*Medo da Experiência em Função do Pedido de Ajuda*

		Medo da experiência			Total	
		Nada assustado(a)	Um pouco assustado(a)	Muito assustado(a)		
Pedido de ajuda	Não	N	30	56	10	96
		%	31.2	58.3	10.4	100
	Sim	N	7	56	30	93
		%	7.5	60.2	32.3	100
Total	Total	N	37	112	40	189
		%	19.6	59.3	21.2	100

Também se procurou analisar a associação entre a procura de apoio e a frequência (cf. Tabela 23) e a duração da experiência (cf. Tabela 24). Contudo não se verificou existir uma associação entre a procura de apoio e a frequência dos comportamentos de stalking ( $\chi^2(3)= 1.769$ ;  $p=.622$ ), nem com a duração da experiência ( $\chi^2(5)= 5.299$ ;  $p=.380$ ).

Tabela 23.

*Frequência dos Comportamentos em Função do Pedido de Ajuda*

		Frequência dos comportamentos				Total	
		Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Menos de uma vez por mês		
Pedido de ajuda	Não	N	43	40	7	6	96
		%	44.8	41.7	7.3	6.2	100
	Sim	N	50	32	7	4	93
		%	53.8	34.4	7.5	4.3	100
Total	Total	N	93	72	14	10	189
		%	49.2	38.1	7.4	5.3	100

Tabela 24.

*Duração dos Comportamentos em Função do Pedido de Ajuda*

		Duração da vitimação por stalking							Total
		Menos de 2 semanas	De 2 a 1 mês	De 1 a 6 meses	De 6 a 12 meses	De 1 a 2 anos	Mais de 2 anos		
Pedido de ajuda	Não	N	8	12	25	25	12	14	96
		%	8.3	12.5	26.0	26.0	12.5	14.6	100
	Sim	N	5	11	38	17	11	11	93
		%	5.4	11.8	40.9	18.3	11.8	11.8	100
Amostra		N	13	23	63	42	23	25	189
Total		%	6.9	12.2	33.3	22.2	12.2	13.2	100

**Utilidade das fontes de apoio ativadas pela vítima.**

Depois de verificadas as fontes de apoio ativadas, foi necessário analisar se as fontes de apoio foram úteis à vítima. De modo geral, mais de 60% das vítimas avaliaram as suas fontes de apoio como tendo sido úteis, sendo que todas as fontes de apoio obtiveram percentagens superiores a 45% no que respeita à sua utilidade.

Os amigos (93.2%), os familiares (85.5%) e as pessoas do contexto profissional de saúde (86.2%) foram as fontes de apoio avaliadas como mais úteis quando ativadas. Importa referir que 47.6% das vítimas que recorreram aos profissionais das forças de segurança consideram que foi uma fonte de apoio útil. De um modo geral, cada fonte de apoio revelou-se útil em mais de 45% dos casos em que foi ativada pelas vítimas, contudo há que atender ao facto de as fontes de apoio avaliadas com menor utilidade terem sido referenciadas por um número diminuto de participantes.

Quando se comparam as avaliações acerca da utilidade em função do sexo da vítima evidenciaram-se poucas dissemelhanças (cf. Tabela 25).

No sexo feminino a avaliação da utilidade variou entre 40 a 95%, enquanto nos homens oscilou entre 40 a 100%. Em cada fonte de apoio foram as vítimas do sexo feminino que apresentaram as maiores percentagens de utilidade, exceto quando a fonte de apoio eram pessoas do contexto profissional/ académico (masculino: 100% vs. feminino: 47.4%). Contudo, apenas se encontram diferenças significativas entre o sexo

feminino e masculino no que respeita à utilidade dos familiares ( $\chi^2(1)= 10,123$ ;  $p=.001$ ).

As vítimas do sexo feminino apresentaram como mais úteis o apoio prestado pelos amigos (94.5%), pelos familiares (91.4%) e pelos profissionais de saúde (88.9%), enquanto as vítimas do sexo masculino enfatizaram a utilidade das pessoas do contexto profissional/ académico (100%), dos amigos (86.7%) e dos conhecidos (75%).

Tabela 25.

*Utilidade das Fontes de Apoio*

	Sexo Participante					
	Total		Feminino		Masculino	
	(N= 93)		(N=76)		(N=17)	
	N	%	N	%	N	%
Familiares	59	85.5	53	91.4	6	54.5
Amigos	82	93.2	69	94.5	13	86.7
Conhecidos	11	47.8	8	42.1	3	75.0
Pessoas do contexto profissional/ académico	10	50.0	9	47.4	1	100
Profissionais de saúde	25	86.2	24	88.9	1	50.0
Profissionais das forças de segurança	10	47.6	8	50.0	2	40.0
Serviços sociais ou de apoio a vítimas	11	78.6	9	75.0	2	100

## Discussão

Os resultados da presente investigação permitiram aferir a prevalência do stalking num conjunto de adolescentes e jovens residentes em Portugal. Além da incidência do fenómeno, foi também possível a caracterização da experiência de vitimação e a identificação de fatores sociodemográficos associados a este tipo de experiência abusiva. Após a análise dos resultados obtidos, procede-se à discussão dos mesmos tendo por base a literatura científica disponível. Contudo, é importante referir o facto de alguns dados obtidos não poderem ser linearmente comparados com os dados noutros estudos internacionais e nacionais, uma vez que o âmbito de ocorrência da vitimação por stalking ser específico e de as características das amostras estudadas e as opções metodológicas adotadas consideravam particularidades distintas entre si.

Neste estudo, 34.9% dos adolescentes e jovens portugueses relataram a experiência de assédio persistente ao longo da sua vida, cometido por um/a namorado/a. Este resultado é semelhante aos resultados obtidos em outros estudos em populações jovens (e.g. Fremouw, Westrup, & Pennypacker, 1997; Amar, 2007; Björklund et al., 2010), verificando-se que o stalking é uma problemática que está presente nas relações de namoro num número considerável de adolescentes e jovens.

O facto do stalking ser considerado uma forma de violência essencialmente relacional (Spitzberg & Cupach, 2007; Grangeia & Matos, 2010; Caridade & Machado, 2010; Oliveira & Sani, 2009) aliado ao facto dos adolescentes e jovens serem descritos como os grupos mais vulneráveis a esta forma de violência (e.g. Purcell, et al., 2002; Phillips, et al., 2004; Haugaard & Seri, 2004; Caridade & Machado, 2010; Matos, et al., 2011; Sheridan, et al., 2003) pode explicar a elevada taxa de prevalência, pois o presente estudo inclui as duas características descritas. Por outro lado, e à semelhança do ocorrido no estudo elaborado por Matos e Colaboradoras (2011), pode também ser explicado pelo recurso do critério lato para a definição de stalking, baseado na autodefinição e não na inclusão do critério medo, pois quando se analisa a prevalência de vitimação por stalking mediante a adoção de critérios como a repetição, o efeito medo e a persistência os valores decrescem, mas mantendo-se sempre essa prevalência dentro do intervalo de prevalências dos estudos anteriormente analisados.

Como é frequentemente documentado na literatura este tipo de violência tende a ocorrer em simultâneo com outros tipo de abusos (e.g. Melton, 2007; Brewster, 2003), sendo que no presente estudo a violência emocional foi a mais relatada pelas vítimas e a menos relatada foi a violência severa que incluía a física e a sexual. Tal é convergente

com os estudos internacionais (e.g. Basile & Hall, 2011) e nacionais (e.g. Caridade, 2008). É ainda de referir que algumas vítimas de stalking também utilizam estratégias abusivas como forma de resolução de conflitos, sendo que os tipos de violência que praticam mais frequentemente são o emocional e o comportamento ameaçador.

Tendo por base a literatura, esperava-se encontrar uma prevalência de vitimação por stalking superior no sexo feminino, havendo uma grande assimetria de género (e.g. Haugaard & Seri, 2004; Philips, Quirk, Rosenfeld, & O'Connor, 2004; Fremouw, Westrup, & Pennypacker, 1997; Caridade & Machado, 2010; Matos et al., 2011), o que foi de encontro ao presente estudo, pois verificou-se que 72.5% do total de vítimas era do sexo feminino em comparação com os 27.5% de vítimas do sexo masculino. O que significa que as mulheres parecem ser os alvos mais vulneráveis à violência no namoro, mais especificamente a comportamentos de stalking por parte do namorado. Por outro lado, o namorado (do sexo masculino) foi apontado, na sua maioria, como stalker, sendo que 70.4% das vítimas referiram ter sido alvos de stalking por parte de um homem. Ambas as constatações foram de encontro às hipóteses formuladas, na medida em que poderá estar associado ao mecanismo social patriarcal que mantém o poder opressivo sobre as mulheres através dos meios coercivos (e.g. Phillips et al., 2004; Matos & Grangeia, 2010).

Tal como foi encontrado no estudo português de Matos e Colaboradoras (2011), ao ser feita uma análise combinada do sexo da vítima e do/a stalker, as mulheres são vítimas principalmente de stalkers masculinos (97.1%) e os homens foram vítimas de stalkers femininos (em 100% dos casos). Assim, apenas em quatro casos (2.9%) o stalker e a vítima eram do mesmo sexo sendo que em todos estes casos vítima e stalker eram do sexo feminino, sugerindo que na população portuguesa o stalking se assume como uma forma de violência interpessoal.

Convergente com o estudo anteriormente referido foi também o facto da vitimação por stalking ser maioritariamente uma experiência singular, uma vez que 74.1% das vítimas referiram ter sido alvo de stalking, ao longo da vida, por apenas um parceiro amoroso. No entanto, quando a experiência é múltipla, são os homens que relatam serem vítimas de um número superior de stalkers. Assim, confirma-se a hipótese reformulada referente ao número de experiências de vitimação, mostrando-se que o stalking é uma experiência essencialmente singular.

No que respeita ao momento da relação em que a vitimação ocorreu, verificou-se que é depois de a relação terminar que se manifesta o maior número de casos de stalking

(67.7% quando analisados os três momentos possíveis em conjunto e 39.2% quando analisado cada momento individualmente), o que é confirmado em outros estudos nacionais e internacionais (e.g. Sheridan et al., 2003; Matos et al., 2011). Tal pode sugerir que os stalkers utilizam os comportamentos de stalking não sendo capazes de gerir uma rejeição por parte do/a ex-namorado/a, tendo como finalidade a vingança e a provocação de medo na vítima. Pode sugerir também que o/a stalker procura reatar a relação ou manter a ligação com a vítima na tentativa de manter o poder e o controlo sobre esta (e.g. Logan & Walker, 2009; Matos, 2006). Pode ainda sugerir as duas situações (motivações) em simultâneo, isto é, o/a stalker pode, por exemplo, começar com o desejo de reconciliação e, face à resistência da vítima, evoluir para o desejo de vingança.

Também frequentemente foi reportada a ocorrência de stalking durante a relação de namoro (54.5%) o que à semelhança do já anteriormente dito, pode sugerir uma tentativa de manter o poder e o controlo sobre a vítima.

Por outro lado, as situações de stalking ocorriam com menor frequência (9.5%) antes de ser iniciada a relação de namoro que, nestes casos, os comportamentos de stalking poderiam surgir como forma de cortejamento na tentativa de iniciar uma relação amorosa com a vítima, isto é, possivelmente os agressores utilizam a forma de cortejamento persistente pensando que será daquela forma que terão mais probabilidade de iniciar uma relação com a vítima.

Estes resultados foram de encontro à hipótese estruturada, onde se esperavam encontrar comportamentos de stalking com uma maior frequência depois de terminada a relação de namoro.

Aquando analisada a hipótese de que são as ações aparentemente inofensivas que são mais frequentes, verifica-se que os resultados deste estudo são apoiados por estudos e pela literatura (e.g. Matos et al., 2011; Grangeia & Matos, 2010; Haugaard & Seri, 2004; Paiva, 2007; Roberts, 2005; Sinclair & Frieze, 2005; Sheridan et al., 2001), verificando-se a hipótese formulada. Isto é, tanto no sexo feminino como masculino, os comportamentos de stalking mais frequentes foram as tentativas de contacto indesejadas e o aparecimento em locais habitualmente frequentados pela vítima, sendo estes considerados comportamentos aparentemente inofensivos. Por outro lado, agredir ou prejudicar pessoas próximas da vítima e agredir a vítima foram os comportamentos menos relatados, podendo estas ser consideradas como ações intrusivas à vítima. O recurso a ameaças ou à agressão por parte do/a stalker, analisando uma trajetória de

escalada na severidade da conduta, está também retratado em dados nacionais e internacionais (Matos et al., 2011; Spitzberg & Cupach, 2007), havendo já valores preocupantes no presente deste tipo de agressão.

É, ainda, necessário ponderar o carácter coberto de determinadas ações, por exemplo, ser filmado ou tirar fotografias sem autorização, o que se pode repercutir no desconhecimento e por isso na ausência de relato por parte das vítimas (Matos et al., 2011).

O stalking implica a presença de um padrão de comportamentos (Matos et al., 2011; Sheridan et al., 2003). Os dados do presente estudo legitimam esta perspetiva, uma vez que os relatos das vítimas refletem a diversidade de estratégias encetados pelo/a stalker.

As investigações indicam que os comportamentos de stalking ocorrem de forma reiterada (e.g. Matos et al, 2011; Grangeia & Matos, 2010), tal como o presente estudo também evidencia: neste caso, mais de 85% das vítimas referiu que os comportamentos ocorriam numa frequência diária ou semanal. Esta condição significa que o/a stalker está frequentemente presente no quotidiano da vítima e, por isso, é expectável antecipar que a experiência se torne disruptiva, mesmo que não envolva necessariamente um elevado grau de ameaça explícita ou medo. A estas elevadas taxas de frequência dos comportamentos no âmbito das relações de namoro pode estar associado ao facto de neste contexto relacional ser expectável existir um maior conhecimento por parte do/a stalker acerca da vítima e das suas rotinas, sendo mais fácil envolver-se na vida desta.

Outro aspeto congruente com os resultados nacionais prende-se com o carácter prolongado do stalking (e.g. Matos et al., 2011), confirmando-se a hipótese anteriormente formulada. De facto 33.3% das vítimas, representando a maioria, referiu que o stalking se prolongou entre um a seis meses e 22.2% de seis meses a um ano. De salientar que para 13.2% dos participantes a situação de manteve durante mais de dois anos, havendo mais casos de vitimação com uma duração de mais de dois anos do que com menos de 2 semanas de duração (6.9% vs. 13.2%), o que enfatiza a índole persistente deste tipo de vitimação. Ainda de referir que o/a stalker vigiava a vítima ou pedia a alguém para a vigiar com maior frequência quando a experiencia de stalking ocorria entre seis a 12 meses e com menor frequência quando a experiencia tinha uma duração de menos de duas semanas.

De acordo com vários estudos nacionais (e.g. Matos et al., 2011) e internacionais (e.g. Sheridan et al., 2003, 2001; Petherick, 2008; Amar, 2007; Blaauw et al., 2000; Basile & Hall, 2011) o stalking acarreta variadas repercussões negativas, tanto para a vítima como para pessoas próximas. Neste estudo o cenário não é diferente, uma vez que as vítimas apresentam ser afetadas em diversas áreas de impacto distintas e em grande número, sendo que apenas 2.1% das vítimas não assinalou qualquer impacto. As áreas de impacto assinaladas com maior frequência foram a saúde psicológica, as relações e os estilos de vida o que se assemelha ao panorama nacional e internacional. Por outro lado, menos afetadas foram as áreas da economia/finanças, desempenho profissional/académico e da saúde física o que foi confirmado pelo estudo nacional de Matos e Colaboradoras (2011), mas que não vão na sua totalidade de encontro aos estudos internacionais uma vez que estes apontam estas áreas de impacto também como frequentes.

O medo associado à vitimação por stalking também se encontra documentado nos estudos internacionais e nacionais, sendo muitas vezes utilizado como critério de diferenciação entre vítimas e não vítimas. Apesar disso, no presente estudo, e à semelhança do ocorrido no estudo nacional de Matos e Colaboradoras (2011), partiu-se do pressuposto que o comportamento do/a stalker teria o potencial de causar medo, ao invés de encarar o medo como condição intrínseca à experiência. Tendo em consideração esta opção, importa referir que 80.5% das vítimas referiu ter sentido algum tipo de medo com a situação, o que revela que o efeito de medo é muito frequente face a esta forma de vitimação.

Ainda a este respeito, foi notória a influência do sexo da vítima e do sexo do/a stalker na variável medo. Neste sentido, as vítimas do sexo feminino relataram mais medo do que as vítimas do sexo masculino, o que é confirmado por outros estudos (e.g. Phillips et al., 2004; Fazio, 2011; Matos et al., 2011). Além disso, quando o stalker era masculino gerava mais medo, em comparação com a stalker feminina. Estes resultados enfatizam uma vez mais o carácter genderizado deste tipo de violência, inclusive ao nível das reações, refletindo padrões socioculturais tradicionais. Tais resultados foram confirmados pelo estudo português de Matos e Colaboradoras (2011).

Vários comportamentos mostraram-se também influentes no grau de medo sentido pela vítima. Comportamentos como aparecer em locais habitualmente frequentados pela vítima, vigiar ou pedir a alguém para vigiar, ser perseguido, ameaçar ou ameaçar pessoas próximas e agredir ou prejudicar pessoas próximas foram mais frequentemente

avaliados como serem causadores de medo. De facto, a maioria destes comportamentos podem ser considerados como comportamentos mais intrusivos e, como seria de esperar, provocar um grau de medo superior nas vítimas em comparação com os comportamentos aparentemente inofensivos. A par disto, neste estudo, também se verificou que o número de comportamentos experienciados e a frequência do stalking influencia o grau de medo das vítimas, sendo que à medida que aumentava a frequência e o número de comportamentos de stalking o medo relatado aumentava.

Segundo alguns estudos (e.g. Amar, 2007; Sheridan et al., 2003; Matos et al., 2011), seria de esperar que a maioria das vítimas não procurasse apoio, o que se verificou no presente estudo, pois a maioria das vítimas não procurou apoio, especialmente as vítimas do sexo masculino que o faziam menos frequentemente que as vítimas do sexo feminino. Este facto pode ser indicativo de vários fatores, tais como: a ausência de reconhecimento da vitimação por stalking, quer a nível pessoal, quer social e legal em Portugal, resultando numa desvalorização da experiência e funcionando assim como inibidor da procura de apoio; a existência de variações na perceção acerca do stalking; e o facto de o agressor ser namorado/a ou ex-namorado/a da vítima. Também o facto de serem as vítimas do sexo feminino a procurar mais frequentemente apoio pode ser explicado, por um lado, pelo grau de medo gerado pela experiência ser mais informativo do estatuto de vítima (uma vez que as vítimas que procuraram ajuda relataram mais medo, o que corresponde maioritariamente ao sexo feminino); por outro lado, uma vez que as vítimas femininas relataram ter sentido mais medo poderão sentir necessidade em procurar apoio externo.

Importa ainda referir que em relação à procura de apoio, a maioria das vítimas não o faz, contudo as que procuram apoio fazem-no principalmente junto de fontes informais, tais como amigos e familiares, e menos frequentemente junto de fontes formais, como os serviços sociais ou de apoio à vítima e as forças de segurança. Tal pode ocorrer se atendermos ao facto de em Portugal não existir enquadramento jurídico-legal e de respostas formais face a este fenómeno. Além disso, quando uma fonte de apoio era ativada, as informais revelaram-se mais úteis que as formais, apesar de ambas se mostrarem genericamente úteis.

Perante este cenário, podemos considerar que todas as hipóteses anteriormente formuladas foram confirmadas, refletindo as tendências nacionais e internacionais da vitimação por stalking, nomeadamente o carácter genderizado e a representação de um padrão de conduta distinto de outras formas de vitimação. Além disso, ser vítima de

stalking é uma experiência comum entre jovens principalmente do sexo feminino, constituindo-se assim como grupo de risco. A experiência tem um impacto significativo nas vítimas, sendo geradora de medo.

## **Conclusão**

O stalking tem tido diferentes avanços no contexto nacional em relação ao internacional, pois noutros países o fenómeno já é reconhecido tanto a nível social como jurídico-legal, o que não acontece em Portugal. Na investigação nacional o trabalho académico e científico desenvolvido com o objetivo de obter o merecido conhecimento sobre o stalking tem sido diminuto, em particular no que respeita à prevalência de vitimação em diferentes contextos e circunstâncias. Contudo, nos últimos anos já alguns investigadores se têm preocupado em desocultar o fenómeno, principalmente os investigadores pertencentes ao Grupo de Investigação sobre Stalking em Portugal (GISP). Apesar disto, e uma vez que o fenómeno ainda é pouco investigado no contexto nacional, as investigações tendem a ser generalizadas no que respeita ao tipo de amostra e âmbito da ocorrência, deste modo ainda pouco foi investigado no que respeita à experiência de stalking nas relações de namoro, sendo portanto este um estudo exploratório em Portugal que permite um conhecimento mais aprofundado das características associadas aos seus intervenientes, bem como das dinâmicas de vitimação particulares.

Com esta investigação julga-se ter mostrado que existe uma prevalência preocupante de stalking nas relações de namoro dos adolescentes e jovens estudados, sendo que as vítimas do sexo feminino são maioritariamente vítimas e os stalkers são maioritariamente do sexo masculino. O stalking ocorre muitas vezes em coocorrência com outros tipos de violência, como por exemplo a emocional e a física. Este assédio persistente ocorre maioritariamente como forma de tentativa de reatar uma relação ou como forma de vingança ou retaliação (isto é, depois de terminada a relação). Os comportamentos mais perpetrados pelos stalkers são os comportamentos considerados não intrusivos ou socialmente aceites, os quais tendem a perpetrar-se com uma frequência e persistência elevada, tendo também, em geral, uma duração prolongada. Estes comportamentos tendem a provocar medo apenas em algumas vítimas, contudo mostra ter muito impacto, principalmente ao nível da saúde psicológica. Apesar dos comportamentos de stalking desencadarem impactos negativos e medo nas vítimas, estas tendem (na sua maioria) a não procurar apoio, mas os que procuram consideram-no frequentemente útil, principalmente quando as fontes de apoio procuradas são informais. Em geral, dois resultados parecem particularmente relevantes. Por um lado a elevada taxa de ocorrência do stalking nas relações de namoro, que por si só se mostra preocupante e sugere que se trata de uma experiência comum nos adolescentes e jovens

namorados, mais do que em qualquer outra população. A par disto, é necessário ter em conta que este tipo de violência tende a escalar em severidade e frequência, podendo ser continuado em relações maritais. Por outro lado, o impacto que é causado nas vítimas de stalking pode ser um fator desestabilizante e/ou perturbador, não só para esta, mas também para terceiros envolvidos. Assim, seria importante implementar estratégias antistalking que inibissem esta conduta e minimizasse o dano provocado.

Deste modo, podemos considerar que os resultados obtidos com a presente investigação resultam numa importante fonte de informação para o conhecimento do stalking em casais de namorados adolescentes e jovens e, por consequência, num importante contributo e incentivo para o desenvolvimento da compreensão alargada do fenómeno.

Contudo, apesar dos resultados obtidos serem uma referência importante para o conhecimento do fenómeno, temos de considerar algumas limitações existentes. Alerta-se para o facto dos dados obtidos na presente investigação não serem generalizáveis a toda a população, na medida em que a divulgação dos instrumentos utilizados não foram capazes de abranger um número representativo dos adolescentes e jovens. Assim, os dados representados devem ser interpretados apenas como indicadores de prevalência, não possibilitando a extrapolação os resultados para a população portuguesa, mas apenas à população estudada. A par disto, a amostra é considerada uma amostra por conveniência uma vez que esses instrumentos foram aplicados *online*, o que pode também levar os participantes a manipular as respostas e a não poderem colocar questões em tempo real ao investigador. No entanto, esta última limitação foi colmatada ao ser disponibilizado um e-mail que os participantes poderiam utilizar para verem as suas dúvidas esclarecidas com o investigador.

Apesar das limitações, julga-se que o presente estudo tenha contribuído para o conhecimento e desenvolvimento desta área de investigação, que pode ser, futuramente, um contributo para novas investigações. Por se tratar de um estudo de um estudo exploratório e apenas interessado na perspectiva da vítima, reconhecem-se algumas questões que não foram consideradas para a elaboração do presente trabalho, contudo úteis para a compreensão mais alargada do fenómeno neste contexto e que podem ser consideradas em investigações futuras. Assim seria interessante (1) abranger uma amostra mais alargada que se pudesse generalizar à população portuguesa, (2) perceber quais os comportamentos evitativos que as vítimas adquirem para evitar a experiência de stalking ou a sua continuação, (3) perceber as motivações das vítimas que continuam na relação

de namoro mesmo quando são vítimas destes comportamentos e (4) analisar o fenómeno segundo a perspectiva do stalker, bem como perceber as motivações destes para perpetrarem os comportamentos.

## Referências

- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo - Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 105-120.
- Almeida, L., & Freire, T. (2007). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação* (4ª ed.). Braga: Psiquilíbrios edições.
- Amar, A. F. (2007). Behaviors That College Women Label as Stalking or Harassment. *Journal of the American Psychiatric Nurses Association*, 13(4), 210-220. doi: 10.1177/1078390307306289
- Basile, K. C., Arias, H., Desai, S., & Thompson, M. P. (2004). The Differential Association of Intimate Partner Physical, Sexual, Psychological, and Stalking Violence and Posttraumatic Stress Symptoms in a Nationally Representative Sample of Women. *Journal of Traumatic Stress*, 17(5), 413-421.
- Basile, K., & Hall, J. (2011). Intimate Partner Violence Perpetration by Court-Ordered Men: Distinctions and Intersections Among Physical Violence, Sexual Violence, Psychological Abuse, and Stalking. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(2), 230-253. doi: 10.1177/0886260510362896
- Björklund, K., Häkkänen-Nyholm, H., Sheridan, L., & Roberts, K. (2010). The Prevalence of Stalking Among Finnish University Students. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(4), 684-698. doi: 10.1177/0886260509334405
- Blaauw, E., Winkel, F., & Arensman, E. (2000). Toll of Stalking: The Relationship Between Features of Stalking and Psychopathology of Victims. *Stalking : criminal justice responses* (pp. 1-10). Sydney: Australian Institute of Criminology.
- Brewster, M. (2003). Power and Control Dynamics in Prestalking and Stalking Situations. *Journal of Family Violence*, 18(4), -217.
- Caridade, S. M. (2008). *Violência nas Relações de Intimidade: Comportamentos e Atitudes dos Jovens*. Tese de Doutorado em Psicologia da Justiça, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Braga.
- Caridade, S., & Machado, C. (2010). Violência na intimidade juvenil: Prevalência, factores de risco e atitudes. Em C. Machado, *Novas Formas de Vitimação Criminal* (pp. 13-60). Braga: Psiquilíbrios Edições.

- Carvalho, C. S. (2011). *Cyberstalking: Prevalência na população universitária da Universidade do Minho*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Escola de Psicologia.
- Coelho, C., & Machado, C. (2010). Violência Entre Jovens: Prevenção Através da Educação por Pares. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 3368-3382.
- Coker, A. L., Sanderson, M., Cantu, E., Huerta, D., & Fadden, M. K. (2008). Frequency and Types of Partner Violence Among Mexican American College Women. *Journal of American College Health*, 56(6), 665-673.
- Coleman, F. L. (1997). Stalking Behavior and the Cycle of Domestic Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 12(3), 420-432. doi: 10.1177/088626097012003007
- Custódio, S., Domingues, C., Vicente, L., Silva, M., Dias, M., & Coelho, S. (2010). Auto-conceito/auto-estima e vinculação nas relações de namoro em estudantes do ensino secundário. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 1615-1628.
- Fazio, L. (2011). Criminalization of Stalking in Italy: One of the Last among the Current European Member States' Anti-Stalking Laws. *Behavioral Sciences and the Law*, 29, 317-323. doi: 10.1002/bsl.983
- Fremouw, W., Westrup, D., & Pennypacker, J. (1997). Stalking on Campus: The Prevalence and Strategies for Coping with Stalking. *Journal of Forensic Science*, 42(4), 666-669.
- Grangeia, H., & Matos, M. (2010). Stalking: Consensos e controvérsias. Em C. Machado, *Novas formas de vitimação criminal* (pp. 121-166). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Grangeia, H., & Matos, M. (2011). Da invisibilidade ao reconhecimento do stalking. Em A. I. Sani, *Temas de Vitimologia: Realidades Emergentes na Vitimação e Respostas Sociais* (pp. 61-84). Coimbra: Almedina.
- Hall, J. E., Walters, M. L., & Basile, K. C. (2012). Intimate Partner Violence Perpetration by Court-Ordered Men: Distinctions Among Subtypes of Physical Violence, Sexual Violence, Psychological Abuse, and Stalking. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(7), 1374-1395. doi: 10.1177/0886260511425249
- Haugaard, J., & Seri, L. (2004). Stalking and Other Forms of Intrusive Contact Among Adolescents and Young Adults From the Perspective of the Person Initiating the

- Intrusive Contact. *Criminal Justice and Behavior*, 31(1), 37-54. doi: 10.1177/0093854803259247
- Logan, T., & Walker, R. (2009). Partner Stalking : Psychological Dominance or "Business as Usual"? *Trauma, Violence, & Abuse*, 10(3), 247-270. doi: 10.1177/1524838009334461
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2010). *As vítimas de stalking na população portuguesa*. Obtido de Stalking / assédio persistente - Grupo de Investigação sobre Stalking em Portugal (GISP): <http://www.stalking-gisp.com/index.php/stalking-em-portugal>
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011). *Inquérito de Vitimação por Stalking - Relatório de investigação*. Universidade do Minho, Escola de Psicologia, Braga.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-75.
- Mechanic, M. B., Weaver, T. L., & Resick, P. A. (2008). Mental Health Consequences of Intimate Partner Abuse : A Multidimensional Assessment of Four Different Forms of Abuse. *Violence Against Women*, 14(6), 634-654. doi: 10.1177/1077801208319283
- Meloy, R. (2007). Stalking: the state of the science. *Criminal Behaviour and Mental Health*(17), 1-7. doi: 10.1002/cbm.642
- Melton, H. (2007). Predicting the Occurrence of Stalking in Relationships Characterized by Domestic Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(1), 3-25. doi: 10.1177/0886260506294994
- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R. (2001). Stalking: New Constructions of Human Behaviour. *Australian and New Zealand Journal Psychiatry*, 35, 9-16. doi: 10.1046/j.1440-1614.2001.00849.x
- Mustaine, E., & Tewksbury, R. (1999). A Routine Activity Theory Explanation for Women's Stalking Victimization. *Violence Against Women*, 5(1), 43-62. doi: 10.1177/10778019922181149
- Oliveira, M., & Sani, A. I. (2009). A Intergeracionalidade da Violência nas Relações de Namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 162-170.

- Paiva, C. A. (abril de 2007). *Stalking*. Obtido de <http://app.parlamento.pt/violenciadomestica/conteudo/pdfs/apresentacoes/CarlaAlexandraPaiva.pdf>
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5(2), 243-272.
- Petherick, W. (2008). Stalking. Em B. E. Turvey, *Criminal Profiling: An Introduction to Behavioral Evidence Analysis* (3º ed., pp. 449-482). San Diego, Califórnia, USA: Academic Press.
- Phillips, L., Quirk, R., Rosenfeld, B., & O'Connor, M. (2004). Is it Stalking? Perception of Stalking Among College Undergraduates. *Criminal Justice and Behavior*, 31(1), 73-96.
- Purcell, R., Pathé, M., & Mullen, P. (2002). The Prevalence and Nature of Stalking in the Australian Community. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 36, 114-120. doi: 10.1046/j.1440-1614.2002.00985.x
- Roberts, K. (2005). Experience of Violence During Stalking by Former Romantic Partners: Factors Predictive of Stalking Violence. *Violence Against Women*, 11(1), 89-114. doi: 10.1177/1077801204271096
- Saavedra, R. M. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Escola de Psicologia, Braga.
- Sheridan, L. P., Blaauw, E., & Davies, G. M. (2003). Stalking : Knowns and Unknowns. *Trauma, Violence, & Abuse*, 4(2), 148-162. doi: 10.1177/1524838002250766
- Sheridan, L., Davies, G., & Boon, J. (2001). Stalking : Perceptions and Prevalence. *Journal of Interpersonal Violence*, 16(2), 151-167. doi: 10.1177/088626001016002004
- Sinclair, H., & Frieze, I. (2005). When Courtship Persistence Becomes Intrusive Pursuit: Comparing Rejecter and Pursuer Perspectives of Unrequited Attraction. *Sex Roles*, 52, 839-852. doi: 10.1007/s11199-005-4203-4
- Spitzberg, B. (2002). The Tactical Topography of Stalking Victimization and Management. *Trauma, Violence, & Abuse*, 3(4), 261-288. doi: 10.1177/1524838002237330

- Spitzberg, B. H., & Cupach, W. R. (2007). The state of art of stalking: Taking stock of the emerging literature. *Agression and Violent Behavior*, (12), 64-86.
- Spitzberg, B., & Hoobler, G. (2002). Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism. *New Media & Society*, 4(1), 71-92. doi: 10.1177/14614440222226271
- Spitzberg, B., & Rhea, J. (1999). Obsessive Relational Intrusion and Sexual Coercion Victimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 14(1), 3-20. doi: 10.1177/088626099014001001
- Straus, M. (2004). Prevalence of Violence Against Dating Partners by Male and Female University Students Worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790-811. doi: 10.1177/1077801204265552
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). Prevalence and Consequences of Male-to-female and Female-to-male Intimate Partner Violence as Measured by the National Violence Against Women Survey. *Violence Against Women*, 6(2), 142-161. doi: 10.1177/10778010022181769
- Williams, S. L., & Frieze, I. H. (2005). Courtship Behaviors, Relationship Violence, and Breakup Persistence in College Men and Women. *Psychology of Women Quarterly*, 29, 248–257. doi: 10.1111/j.1471-6402.2005.00219.x
- Wolfe, D., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Grasley, C., & Straatman, A.-L. (2001). Development and Validation of the Conflict in Adolescent Relationships Inventory. *Psychological Assessment*, 13(2), 277-293. doi:10.1037//1040-3590.13.2.277

## **Anexos**

### **Anexo A - Instruções de Preenchimento dos Questionários**

#### **INSTRUÇÕES**

O presente estudo integra-se no âmbito do Mestrado de Psicologia Forense e Criminal do Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz e tem como objetivo estudar a temática do assédio persistente indesejado (stalking) nas relações de namoro de adolescentes e jovens adultos. Sendo que para o presente estudo se define o stalking como um padrão de comportamentos de assédio persistente, que representa formas diversas de comunicação, contacto, vigilância e monitorização de uma pessoa-alvo por parte de outra (o/a stalker) (neste caso, entre namorados). Este tipo de comunicações e contactos indesejados pode ser potenciador de um impacto negativo, e muitas vezes severo, para as vítimas.

Para poder participar neste estudo precisa preencher os seguintes critérios:

1. Ter tido pelo menos uma relação de namoro (excluindo os encontros ocasionais sem compromisso de namoro);
2. Não estar ou nunca ter estado em situação de casamento e/ou união de facto.

Caso não preenchas estes critérios a sua colaboração termina por aqui.

O questionário deverá ser preenchido com base na sua experiência pessoal da/s sua/s relação/ões de namoro, devendo indicar a resposta que mais se adequa a esta/s.

Neste questionário não existem respostas certas ou erradas, pois a tua opinião é o mais importante!

Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

A tua participação é totalmente voluntária. Contudo, a sua contribuição é muito importante para o estudo. Os dados são anónimos e confidenciais e apenas serão utilizados no âmbito desta investigação.

Agradeço, desde já, a tua colaboração e saliento que é fundamental que responda a todos os itens do questionário.

## Anexo B - Questionário Sociodemográfico

### QUESTIONÁRIO I Dados Sociodemográficos

IDADE: \_\_\_\_\_

SEXO:  Feminino  Masculino

NACIONALIDADE: \_\_\_\_\_

ANOS DE ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_

REGIÃO DO PAÍS EM QUE TE ENCONTRAS:

- Norte  Centro  Lisboa e Vale do Tejo  Alentejo  
 Algarve  R. A. dos Açores  R. A. da Madeira

LOCAL DE RECOLHA:  Zona rural  Zona urbana

SITUAÇÃO ATUAL EM QUE TE ENCONTRAS:

- Namoro  Namoro (vivendo junto)  Ex-namoro

IDADE EM QUE INICIASTE A PRIMEIRA RELAÇÃO AMOROSA: \_\_\_\_\_

**NAS PÁGINAS QUE SE SEGUEM SÃO FEITAS ALGUMAS QUESTÕES SOBRE OS TEUS RELACIONAMENTOS ATUAIS OU SOBRE RELAÇÕES QUE TENHAS TIDO. POR FAVOR ASSINALA A PESSOA EM QUE ESTÁS A PENSAR QUANDO RESPONDES A ESTA QUESTÃO.**

- Estou a pensar na pessoa que é o meu(minha) namorado(a) atualmente  
 Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) do último ano  
 Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) há mais de um ano

## Anexo C - Inventário de Vitimação por Stalking (IVS) – versão adaptada

### QUESTIONÁRIO II

Inventário de Vitimação por Stalking (IVS) - versão adaptada

M. Matos, H. Grangeia, C. Ferreira & V. Azevedo, 2009

Escola de Psicologia, Universidade do Minho

Neste questionário estou interessada em compreender o assédio persistente (stalking) nas relações de namoro, que consiste na experiência de alguém que é alvo, por parte de outra pessoa (namorado(a) ou ex-namorado(a), de um interesse continuado, mas indesejado.

### PARTE I

1. AO LONGO DA TUA VIDA ALGUMA VEZ FOSTE ALVO DESTE TIPO DE INTERESSE? (assinala UMA opção)

- Sim (*então continua a responder ao questionário*)  
 Não (*o preenchimento do questionário termina aqui. Agradeço a tua colaboração!*)

### PARTE II

1. FOSTE ALVO DESSE TIPO DE INTERESSE POR MAIS DO QUE UMA PESSOA? (assinala UMA opção)

- Não, apenas por uma pessoa  
 Sim  Se sim, por quantas pessoas? \_\_\_\_

*Por favor, responde às questões seguintes tendo apenas em conta a pessoa que protagonizou a experiência que consideras mais intensa.*

2. QUAL O SEXO DESSA PESSOA? (assinala UMA opção)

- Homem  Mulher

3. ESSA PESSOA É: (assinala UMA opção)

- Alguém com quem tens atualmente uma relação de namoro  
 Alguém com quem tiveste uma relação de namoro que já terminou no último ano  
 Alguém com quem tiveste uma relação de namoro que já terminou há mais de um ano

4. RELATIVAMENTE À RELAÇÃO QUE MANTINHAS COM ESSA PESSOA, **EM QUE MOMENTO(S)** FOSTE ALVO DESSE INTERESSE? (podes assinalar **MAIS QUE UMA** opção)

- Antes de iniciar a relação amorosa
- Durante a relação amorosa
- Depois de terminada a relação amorosa

5. ACTUALMENTE, **CONTINUAS** A SER ALVO DESSE TIPO DE INTERESSE POR PARTE DESSA PESSOA?

(assinala **UMA** opção)

- Não     **Se não**, essa experiência ocorreu:     Durante o último ano     Há mais de um ano
- Sim

6. DE SEGUIDA É APRESENTADA UMA **LISTA DE COMPORTAMENTOS** QUE OCORREM COM FREQUÊNCIA NAS EXPERIÊNCIAS DE ASSÉDIO PERSISTENTE. POR FAVOR, ASSINALA DE QUE FORMA ESSA PESSOA DEMONSTROU INTERESSE POR TI (assinala **TODOS** os comportamentos de que foste alvo).

- Perseguiu-me (ex.: a pé, de carro, de mota)
- Tentou entrar em contacto comigo, enviando cartas, bilhetes e-mails ou telefonando sem que lhe fosse pedido
- Ameaçou-me e/ou ameaçou pessoas próximas
- Filmou-me ou tirou-me fotografias sem autorização
- Vasculhou, roubou ou apoderou-se de objetos pessoais (ex.: correio, lixo, cacifo)
- Invadiu a minha propriedade ou forçou a entrada na minha casa
- Apareceu em locais que costumo frequentar (ex.: café)
- Ameaçou fazer mal a si próprio(a)
- Vigiou-me ou pediu a alguém para me vigiar
- Agrediu-me     De que forma? \_\_\_\_\_
- Agrediu ou prejudicou pessoas próximas
- Outros comportamentos de que fui alvo: \_\_\_\_\_

7. NA FASE MAIS INTENSA, COM QUE **FREQUÊNCIA** FOSTE ALVO DESSES COMPORTAMENTOS? (assinala **UMA** opção)

- Diariamente     Semanalmente     Mensalmente     Menos de uma vez por mês

8. Durante **QUANTO TEMPO** FOSTE ALVO DESSE INTERESSE? (assinala **UMA ÚNICA** opção)

- Menos de 2 semanas     De 2 semanas a 1 mês (inclusive)     De 1 a 6 meses (inclusive)
- De 6 a 12 meses (inclusive)     De 1 a 2 anos (inclusive)     Mais de 2 anos

**PARTE III**

1. POR VEZES, AS EXPERIÊNCIAS DE ASSÉDIO PERSISTENTE AFECTAM A VIDA DAS PESSOAS. PARA CADA ÁREA SELECIONA APENAS UMA DAS OPÇÕES APRESENTADAS.

EM QUE MEDIDA É QUE O ASSÉDIO PERSISTENTE INTERFERIU AO NÍVEL...

	Não afetou	Quase nada	Um pouco	Muito	Muitíssimo
Área 1. Desempenho profissional/académico (e.g., absentismo, menor produtividade)	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)
Área 2. Saúde física (e.g., dores de cabeça ou musculares)	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)
Área 3. Saúde psicológica (e.g., mal-estar, humor deprimido)	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)
Área 4. Relações com os outros em geral (e.g., isolar-se)	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)
Área 5. Relações de intimidade (e.g., conflitos, desconfiança)	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)
Área 6. Económico/financeiro (e.g., perda do emprego)	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)
Área 7. Estilo de vida/comportamento (e.g., mudança das rotinas)	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)
Outros. Especifique quais: _____	(0)	(1)	(2)	(3)	(4)

2. COMO TE SENTISTE RELATIVAMENTE A ESSA EXPERIÊNCIA? (assinala UMA opção)

- Nada assustado/a       Um pouco assustado/a       Muito assustado/a

**PARTE IV**

1. DURANTE O ASSÉDIO PERSISTENTE, PROCURASTE ALGUM TIPO DE AJUDA PARA RESOLVER A SITUAÇÃO?

- Não (*então não respondas à questão seguinte - questão 2*)  
 Sim (*por favor, responde à questão seguinte*)

2. DE SEGUIDA, APONTA **JUNTO DE QUEM** PROCURASTE ESSA AJUDA (podes seleccionar **MAIS DO QUE UMA** opção) E AVALIA A SUA UTILIDADE.

- Familiares
- Amigos
- Conhecidos
- Pessoas do contexto profissional/escolar (ex.: patrão, colegas de trabalho, professores)
- Profissionais de saúde (ex.: médicos, psicólogos)
- Profissionais das forças de segurança (ex.: polícias)
- Serviços sociais ou de apoio a vítimas
- Outros            Especifique quais: \_\_\_\_\_

FOI ÚTIL?	
Sim	Não

*Agradeço a tua colaboração!*

## Anexo D - Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes – versão adaptada

### Questionário III

#### Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes - versão adaptada

(Autores: Wolfe, Scott, Straatman, Grasley, & Reitzel-Jaffe, 2001;

Adaptação Portuguesa: R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D. Vieira, 2008)

Escola de Psicologia, UMinho

As perguntas que se seguem questionam-te acerca de coisas que poderão ter acontecido contigo e com o teu namorado(a) durante uma discussão. Assinala o quadrado que melhor identifica o número de vezes que essas coisas acontecem com o teu(tua) atual ou ex-namorado(a) (pessoa em que pensaste ao preencheres o questionário anterior). Como guia de resposta utiliza a seguinte escala:

**Nunca:** isto nunca aconteceu no teu relacionamento

**Raramente:** isto aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento

**Às vezes:** Isto aconteceu cerca de 3-5 vezes no teu relacionamento

**Frequentemente:** isto aconteceu mais do que 5 vezes no teu relacionamento

#### DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU (MINHA) NAMORADO(A):

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
1. Eu apresentei os meus motivos	(0)	(1)	(2)	(3)
1.1. Ele(a) apresentou os motivos dele(a)	(0)	(1)	(2)	(3)
2. Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a)	(0)	(1)	(2)	(3)
2.1. Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade	(0)	(1)	(2)	(3)
3. Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a)	(0)	(1)	(2)	(3)
3.1. Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim	(0)	(1)	(2)	(3)
4. Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes	(0)	(1)	(2)	(3)
4.1. Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes	(0)	(1)	(2)	(3)
5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava	(0)	(1)	(2)	(3)
5.1. Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava	(0)	(1)	(2)	(3)
6. Eu admiti que tinha alguma culpa	(0)	(1)	(2)	(3)
6.1. Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa	(0)	(1)	(2)	(3)

7. Eu relembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado	(0)	(1)	(2)	(3)
7.1. Ele(a) relembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado	(0)	(1)	(2)	(3)
8. Eu atirei-lhe alguma coisa	(0)	(1)	(2)	(3)
8.1. Ele(a) atirou-me alguma coisa	(0)	(1)	(2)	(3)
9. Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a)	(0)	(1)	(2)	(3)
9.1. Ele(a) disse coisas só para me deixar furiosa(o)	(0)	(1)	(2)	(3)
10. Eu dei razões para achar que ele(a) estava errado(a)	(0)	(1)	(2)	(3)
10.1. Ele(a) deu razões para achar que eu estava errada(o)	(0)	(1)	(2)	(3)
11. Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a)	(0)	(1)	(2)	(3)
11.1. Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certa(o)	(0)	(1)	(2)	(3)
12. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau	(0)	(1)	(2)	(3)
12.1. Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau	(0)	(1)	(2)	(3)
13. Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria	(0)	(1)	(2)	(3)
13.1 Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria	(0)	(1)	(2)	(3)
14. Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois	(0)	(1)	(2)	(3)
14.1 Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois	(0)	(1)	(2)	(3)
15. Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a)	(0)	(1)	(2)	(3)
15.1 Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo	(0)	(1)	(2)	(3)
16. Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar	(0)	(1)	(2)	(3)
16.1 Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar	(0)	(1)	(2)	(3)
17. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes	(0)	(1)	(2)	(3)
17.1 Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes	(0)	(1)	(2)	(3)
18. Eu discuti o assunto calmamente	(0)	(1)	(2)	(3)
18.1 Ele(a) discutiu o assunto calmamente	(0)	(1)	(2)	(3)
19. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria	(0)	(1)	(2)	(3)
19.1 Ele(a) beijou-me quando eu não queria	(0)	(1)	(2)	(3)
20. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a)	(0)	(1)	(2)	(3)
20.1 Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim	(0)	(1)	(2)	(3)
21. Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros	(0)	(1)	(2)	(3)
21.1 Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros	(0)	(1)	(2)	(3)
22. Eu disse-lhe o quanto aborrecida(o) estava	(0)	(1)	(2)	(3)
22.1 Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava	(0)	(1)	(2)	(3)
23. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está	(0)	(1)	(2)	(3)

23.1 Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou	(0)	(1)	(2)	(3)
24. Eu culpei-o(a) pelo problema	(0)	(1)	(2)	(3)
24.1 Ele(a) culpou-me pelo problema	(0)	(1)	(2)	(3)
25. Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros	(0)	(1)	(2)	(3)
25.1 Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros	(0)	(1)	(2)	(3)
26. Eu abandonei a sala para me acalmar	(0)	(1)	(2)	(3)
26.1 Ele(a) abandonou a sala para se acalmar	(0)	(1)	(2)	(3)
27. Eu desisti só para evitar um conflito	(0)	(1)	(2)	(3)
27.1 Ele(a) desistiu só para evitar um conflito	(0)	(1)	(2)	(3)
28. Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes	(0)	(1)	(2)	(3)
28.1 Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas	(0)	(1)	(2)	(3)
29. Eu tentei assustá-lo(a) de propósito	(0)	(1)	(2)	(3)
29.1 Ele(a) tentou assustar-me de propósito	(0)	(1)	(2)	(3)
30. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo	(0)	(1)	(2)	(3)
30.1 Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo	(0)	(1)	(2)	(3)
31. Eu ameacei magoá-lo(a)	(0)	(1)	(2)	(3)
31.1 Ele(a) ameaçou magoar-me	(0)	(1)	(2)	(3)
32. Eu ameacei terminar o namoro	(0)	(1)	(2)	(3)
32.1 Ele(a) ameaçou terminar o namoro	(0)	(1)	(2)	(3)
33. Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa	(0)	(1)	(2)	(3)
33.1 Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa	(0)	(1)	(2)	(3)
34. Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o(a)	(0)	(1)	(2)	(3)
34.1 Ele(a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me	(0)	(1)	(2)	(3)
35. Eu espalhei boatos contra ele(a)	(0)	(1)	(2)	(3)
35.1 Ele(a) espalhou boatos contra mim	(0)	(1)	(2)	(3)

***Agradeço a tua colaboração!***

**Anexo E – Escala de Comportamentos do Outro em Função do Sexo do/a Stalker**

	Sexo do Participante	N	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Estratégias	Feminino	56	1.22	.575	-	.194
Abusivas	Masculino	133	1.36	.700	1.305	
Estratégias Positivas	Feminino	56	1.22	.459	-.765	.445
	Masculino	133	1.28	.493		
Violência Sexual	Feminino	56	.34	.514	-.936	.351
	Masculino	133	.42	.555		
Violência Física	Feminino	56	.33	.594	-.758	.450
	Masculino	133	.41	.666		
Violência Severa (Sexual + Física)	Feminino	56	.34	.486	-	.303
	Masculino	133	.42	.482		
Violência Emocional	Feminino	56	1.41	.690	-.847	.398
	Masculino	133	1.52	.816		
Comportamento Ameaçador	Feminino	56	.71	.698	-	.243
	Masculino	133	.85	.778		
Violência Relacional	Feminino	56	.72	.717	-	.258
	Masculino	133	.86	.836		